

**Rui Barbosa**

**Discurso no  
Colégio Anchieta**

**FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA**  
Rio de Janeiro - 1981

## SUMÁRIO

NO LIMINAR [ROCHA LIMA]	III
INTRODUÇÃO [AMÉRICO JACOBINA LACOMBE]	- VII
DISCURSO NO COLÉGIO ANCHIETA	2

## NO LIMINAR

Infelizmente (e ao contrário do que acontece com várias das obras de Rui), não há notícia do manuscrito do *Discurso no Colégio Anchieta*.

A despeito dos esforços de HOMERO SENNA, Diretor do Centro de Pesquisas da FCRB, não foi possível localizar o precioso autógrafo.

Mas parece lícito presumir que a *editio princeps* (1903), publicada pelo próprio Colégio Anchieta em vida do Autor – e provavelmente sob suas vistas –, espelhe, com fidelidade, o estágio da língua e do estilo de Rui, àquela altura de sua existência.

Das publicações subseqüentes, destacarei, em razão de sua autoridade nata, a promovida pela Casa de Rui Barbosa em 1953, para comemorar o cinqüentenário do *Discurso*. Tal edição vem, naturalmente, entrajada em harmonia com o sistema ortográfico de 1943 – do qual, todavia, se afasta no manter a herança do texto de base quanto à escrita com inicial minúscula de nomes como *Idade Média*, *Constituição*, *Senado*, *Cardeal*, *Presidente da República* e congêneres – decerto hábito pessoal do escritor.

Na presente edição, que tenho a honra de rever e anotar a convite da FCRB, a grafia seguida obedece, quase integralmente, à do Acordo Luso-Brasileiro de 1943, com as alterações que entre nós lhe introduziu, no referente à acentuação gráfica, a Lei nº 5.765, de 20 de dezembro de 1971. Observei tal sistema "quase integralmente" (esclareço), porque procurei fazê-lo de tal sorte que não se traísse nenhum fato lingüístico propriamente dito, subjacente na roupagem gráfica assim atualizada.

Subscrevo, neste particular, a lição de que

devem prevalecer os princípios e não as averbações do vocabulário oficial, averbações notoriamente tendentes a um fixismo e imobilismo vocabulares, válidos, talvez, como preceptiva presente, mas de todo em todo infundados

para uma vivência histórica dos textos do passado, ainda que de passado recente.<sup>1</sup>

Assim que, ao mesmo tempo que restaurei a inicial maiúscula em nomes de eras históricas, de altos conceitos religiosos ou políticos, etc. (conforme prescreve o Capítulo XVI do *Formulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras*), assim também restabeleci – exumando-as da edição de 1903 – formas como *conjecturar* (no texto, "conjecturando") e *Septentrional*, que, no vocabulário exemplificativo que acompanha o citado *Formulário Ortográfico*, se apresentam petrificadas, respectivamente, em *conjeturar* e *Setentrional*. Pois o certo é que a averbação de tais formas com fisionomia fixa e única vai de encontro à realidade da norma culta brasileira, a qual, ainda hoje, oferece flutuação de pronúncia nestas palavras. Optei, pois, pela lição conservadora, sempre recomendável em situações como a presente –, sobretudo levando-se em conta o eruditismo dos padrões verbais do escritor e a tensa ortoepia das classes ilustradas, nos começos do século XX.

Do mesmo modo, mantive a escrita num só vocábulo – como se lê, aliás, na excelente edição de 1953 – da partícula *porquê* (quando advérbio interrogativo, ou relativo), uma vez que não se trata, no caso, de matéria puramente ortográfica, senão que de problema de morfo-sintaxe<sup>2</sup> portuguesa, quiçá românica, sobre ancorar no uso de escritores modeladores de uma e outra banda do Atlântico.

Não é outra a forma registrada pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1940) da Academia das Ciências de Lisboa –, o qual, não obstante haver servido de base para a elaboração do nosso, não teve acolhida por este a (corretíssima) lição do seu modelo! Iguamente assim o consignam alguns dos

---

<sup>1</sup> Introdução crítico-filológica ao texto das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, fixado oficialmente pela "Comissão Machado de Assis", MEC, 1960, p. 63.

<sup>2</sup> V. a minha *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 20. ed., Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio Ed., 1979, p. 317-9; o *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, do sábio humanista REBELO GONÇALVES, Coimbra, Atlântida, 1947, p. 248-9; e GONÇALVES VIANA, o mestre incontestado, no *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*, Paris-Lisboa, Aillaud-Bertrand, 1912, s/v. Consultar, ainda, CELSO FERREIRA DA CUNHA, *O Cancioneiro de Martin Codax*, Rio de Janeiro, ed. do Autor, 1956, s/v.; GLADSTONE CHAVES DE MELO, *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Acadêmica, p. 169; JOSÉ OITICICA, *Manual de Análise*, 5. ed. refundida, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1940, p. 68 –, entre outros.

principais dicionários<sup>3</sup> anteriores a 1943, bem como o projeto do *Dicionário da Língua Portuguesa*, confiado pela Academia Brasileira de Letras à competência do professor ANTENOR NASCENTES – apesar de a publicação da obra, em quatro volumes, se haver iniciado em 1956.

Com os leves retoques acima apontados, creio que o texto ora estabelecido – que enraíza no das duas edições aqui citadas – reproduza, com boa margem de segurança, os *factos* lingüísticos da época, e venha, ao mesmo tempo, esteado nas lições de sólida doutrina gramatical e na tradição da língua literária.

As notas de rodapé, intencionalmente breves, visam, antes de tudo, à inteligência do "Discurso" por quem não esteja familiarizado com o estilo clássico e, por vezes, arcaizante de RUI.

Por sinal, esta se me afigura uma das peças mais 'difíceis' do grande orador.

A essência do pensamento que nela se contém, o seu alto sentido de evolução religiosa, encontram-se magistralmente interpretados pelo Acadêmico AMÉRICO JACOBINA LACOMBE, Presidente da FCRB, em conferência que precede a edição de 1953 e nesta se reproduz.

Quanto à linguagem e à arquitetura literária, não se pode esquecer que, composto por ocasião do preparo da *Réplica*, este *Discurso no Colégio Anchieta* haveria, inevitavelmente, de ter sido influenciado pela abundância e riqueza do material que RUI recolhera para construir aquela mole de conhecimento da Língua.

Eis porque nos defrontamos – porventura mais acentuadamente do que em outras obras dele – com uma linguagem pancrônica, em que fraternizam modos de dizer do período arcaico, construções da fase clássica e torneios contemporâneos: ao erigir suas catedrais verbais, RUI não perguntava à língua portuguesa quantos anos tinha! Isto tudo sem contar com aparato cultural que vai do Velho Testamento ao constitucionalismo norte-americano.

---

<sup>3</sup> MORAIS (o original em 2 volumes), AULETE (também o original, em 2 volumes), CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, LAUDELINO FREIRE – que foram os que tive à mão.

Agradeço amáveis sugestões com que me presentearam HOMERO SENNA e ADRIANO DA GAMA KURY.

As notas de rodapé (retorno a elas) alimentam a esperança de elucidar possíveis dúvidas do leitor, não só relativamente à linguagem, mas também a referências históricas, mitológicas e literárias – a fim de que lhe seja dado usufruir, em plenitude, o prazer espiritual proporcionado por este belo momento da inteligência brasileira.

Rio de Janeiro, maio de 1981

*Rocha Lima*

## INTRODUÇÃO\*

*Palavras proferidas por AMÉRICO JACOBINA LACOMBE, Diretor da Casa de Rui Barbosa, na sessão solene realizada no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, a 19 de julho de 1953, em comemoração ao cinquentenário do discurso de RUI BARBOSA naquela Casa.*

O discurso no Colégio Anchieta é uma das orações mais famosas de RUI BARBOSA. Compete com a *Oração aos Moços* na celebridade, e com ela forma um díptico perfeito. Mais que qualquer outra produção de RUI BARBOSA, fornece os principais textos que figuram em centenas de antologias. É através de seus excertos, pois, que a mocidade trava conhecimento com o ideário de RUI. Marca um momento decisivo na sua evolução religiosa. É ele mesmo quem o diz no prefácio à *Queda do Império*. Assinalando os marcos de suas mudanças em face da fé, contrapõe *O Papa e o Concílio* e o *Discurso da Maçonaria*, o "homem de 1876", diz ele,

ao de 1903, 1919 e 1921: o da oração do paraninfo no Colégio Anchieta, o da oração do jubileu na Missa Campal e o discurso paraníptico em São Paulo<sup>1</sup>.

Esta contínua e nítida evolução foi muitas vezes apontada como contradição. *As Contradições do Sr. Rui Barbosa* foi o nome de um panfleto que fez época.

Não havia, porém, acusação que mais o irritasse. Várias vezes dela se defendeu, com aquela fúria sagrada, que, no juízo dos melhores críticos, dá a seus escritos a nota de maior valia.

Assim é que, respondendo a um adversário, num pleito famoso, escreveu ele sobre as supostas contradições estas linhas candentes:

---

\* As notas desta *Introdução* não figuram na edição original.

<sup>1</sup> *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XVI – 1889 – T. I – *Queda do Império*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1947, p. LXXXV.

Se os deuses se houvessem reservado como privilégio divino essa faculdade, cada consumidor brasileiro de papel de escrever seria um Prometeu absorto em escalar as nuvens, não à procura do céu, mas em busca da prenda celeste de esgravatar divergências do ontem para o hoje nas opiniões alheias. Quando se topa, nas letras remexidas, com um desses achados preciosos, é dia de festa, ilumina-se a casa, emboca-se o megafono, e se anuncia ao longe que o adversário está esmagado.

Não há, entretanto, inutilidade mais inútil. Os homens de siso e consciência riem destas malícias. Só a ignorância ou a imbecilidade se não contradizem; porque não são capazes de pensar. Só a vulgaridade e a esterilidade não variam; porque são a eterna repetição de si mesmas. Só os sábios baratos e os néscios caros podem ter o curso das suas idéias igual e uniforme como os livros de uma casa de comércio: porque nunca escreveram nada de seu, nem conceberam nada novo.

A sinceridade, a razão, o trabalho, o saber não cessam de mudar: não há outra maneira humana de acertar, e produzir. Varia a fé; varia a ciência; varia a lei; varia a justiça; varia a moral; varia a própria verdade; varia nos seus aspectos a criação mesma; tudo, salvo a intuição de Deus e a noção dos seus divinos mandamentos, tudo varia. Só não variam o obdurado, ou o fósfil, o apedeuta, ou o néscio, o maníaco, ou o presumido.

Pode ser que no miolo de um compilador caiba inteiro o imenso universo jurídico, petrificado, imutabilizado e catalogado nas suas regras, nas suas hipóteses e nos seus resultados. Tirante, porém, essas cabeças privilegiadas, tudo no direito é mudar constantemente [...].

Há os grandes princípios, que formam a estrutura permanente desse mundo; mas, na vasta atmosfera das idéias, que o envolve, nas grandes correntes dos sistemas, que o sulcam, nos maravilhosos fenômenos criadores, que o animam, em todas as organizações que o povoam, em todos os resultados que o enriquecem, tudo se transmuda e renova e transforma dia a dia.

.....  
Assim que, debaixo do céu, tudo obedece a essa eterna lei da transmudação incessante das coisas. *Si nihil sub sole novum*, também poderíamos dizer que *nihil sub sole constans*. Se todo o mundo se compõe de contradições, dessas contradições é que resulta a harmonia do mundo. Se das variações pode emanar o erro, sem as variações o erro não se corrige. [...] O homem não está em contradição consigo mesmo, senão quando o está com a sua natureza moral, que o ensina a considerar-se desonrado, quando atina com a verdade, e se obceca no erro. É assim que o nosso próprio organismo vive, mudando toda a hora, sem mudar nunca; porque da sua identidade realmente não muda, senão quando, quebradas as suas leis orgânicas pela doença ou pela morte, deixa de eliminar o que deve eliminar, e absorver o que lhe convém absorver<sup>2</sup>.

De mudar orgulha-se ele ainda no trecho que primeiro citamos da *Queda do Império*.

---

<sup>2</sup> *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XLV – 1918 – T. IV – *Questão Minas x Werneck*. Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1980, p. 203-5.

Pelo que toca ao variar das opiniões, deixem-me ter, mais uma vez, o consolo de trazer à praça como coisa de que me prezo, e não me pesa, a deliciosa culpa dos homens de consciência, a única em que hei de morrer impenitente. *Beata, beata, beatíssima culpa!* Não mo tenham a mal os imutáveis. Deus os desencrue. Deus os reverta da pedra e cal em homens. Deus os ensine a mudar. Porque todo o aprender, todo o melhorar, todo o viver é mudar. De mudar nem mesmo o céu, o inferno ou a morte escapam. Mudar é a glória dos que ignoravam, e sabem, dos que eram maus, e querem ser justos, dos que não se conheciam a si mesmos, e já melhor se conhecem, ou começam a conhecer-se.

O que, no mudar, se quer, é que se não mude para trás, nem do bem para o mal, ou do mal a pior. Se me achassem, hoje, menos tolerante, menos liberal, menos amigo da justiça, menos dedicado às leis, menos humano, menos dado ao trabalho, menos cristão do que ontem, aí sim, bem era que mo imputassem a culpa, vergonha, ou crime.

Mas, em todos esses pontos, é sempre do menos para o mais, suponho eu, do mal para o bem, ou do bem para o melhor que tenho mudado, ou feito por mudar<sup>3</sup>.

Mas quais eram as atitudes anteriores, de que mudara RUI BARBOSA? Ele mesmo o diz no trecho primeiro citado, do prefácio à *Queda do Império*:

Onde, porém, creio se perceberá diferença mais sensível, é nos sentimentos religiosos. Profunda e inalteravelmente cristãos foram eles sempre<sup>4</sup>.

E neste ponto afirma rigorosa verdade histórica. Ele não vinha da negação de Deus nem dos Evangelhos. Vinha de uma atitude generalizada em sua geração, atitude defendida na oração fúnebre em homenagem a ALEXANDRE HERCULANO, na Bahia, de um cristianismo antetridentino, dos *velhos católicos* de DÖLLINGER, em suma, que viam no Papa Pio IX e na Companhia de Jesus, considerada uma força secreta e inescrupulosa, os destruidores da verdadeira fé. Na quadra final do Império a quase totalidade de nossos homens públicos pensava assim.

A ignorância e a má-vontade transformaram esta atitude doutrinária num vulgar ateísmo e anticlericalismo. Houve quem afirmasse que RUI pregava imagens sagradas na sola dos sapatos para poder pisá-las.

---

<sup>3</sup> *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XVI – 1889 – T. I – *Queda do Império*. Diário de Notícias, cit., p. LXXXVI.

<sup>4</sup> *Loc. cit.*

No entanto, todos os documentos que dele possuímos em relação aos problemas religiosos respiram a angústia dos problemas da fé. Começemos pelo grande educador que foi seu pai, o Dr. JOÃO JOSÉ BARBOSA DE OLIVEIRA. Dele disse RUI em 1875:

Em conta de católico teve-se meu pai sempre. Divinos reputava os sacramentos, e a sua família os aconselhava<sup>5</sup>.

Mas explica, logo adiante, o que era o catolicismo paterno:

Professava todos os artigos do antigo credo católico. Mas quanto aos dogmas proclamados neste século, quanto ao dogma de 1854 e o dogma de 1870, esses a consciência rejeitava-lhe inflexivelmente.

.....  
O catolicismo de meu pai era o *velho catolicismo* de DÖLLINGER<sup>6</sup>.

Lia JOÃO BARBOSA, habitualmente, com os filhos, o Novo Testamento, em exemplar que se guarda religiosamente na Casa de Rui Barbosa. Inculcou-lhes a prática dos sacramentos. Dezenas de anos depois, ainda se havia de referir o filho à emoção com que se aproximou da mesa sagrada em sua primeira comunhão.

Ainda sob o ponto de vista doutrinário, até certo ponto da existência, JOÃO BARBOSA tivera ocasião de manifestar a sua preocupação de ortodoxia. Na tese de doutoramento, acerca do sistema penitenciário de 1843, há seguidos protestos de adesão à fé cristã. Em quase todas as questões doutrinárias permanece ao lado dos pontos de vista da Igreja, do clero – "esta ordem tão caluniada por quem não lê a história", diz ele.

Clamarei rijo, que toda teoria médica que rematar em uma negação do dogma cristão, filha de qualquer civilização será; porém da nossa que é a cristã, não, que não há mais dizer<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Manuscrito existente no Arquivo da FCRB no qual RUI protesta quanto ao fato de lhe ter sido atribuída a tradução, na verdade feita por seu pai, da obra de LABOULAYE sobre a Imaculada Conceição.

<sup>6</sup> *Id.*

<sup>7</sup> OLIVEIRA, João José Barboza d'. *As Prisões do Paiz, O Systema Penitencial, ou Hygiene Penal*. These apresentada, e sustentada perante a Faculdade de Medicina da Bahia, em 11 de dezembro de 1843. Bahia, Typ. de L.A. Portella e Companhia, 1843, p. 14.

Na tese de concurso, elaborada em 1846, não há oportunidade para manifestações doutrinárias, dado o caráter extremamente técnico da mesma, mas numa enfática oferenda a Dom ROMUALDO ANTÔNIO DE SEIXAS, Marquês de Sta. Cruz, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, reafirma e confirma os profundos sentimentos religiosos já defendidos.

É, assim, após o movimento deflagrado no tempestuoso e glorioso pontificado de Pio IX após a proclamação do dogma da Imaculada Conceição, que JOÃO BARBOSA foi arrastado àquela direção doutrinária a que se referiu o filho na publicação já citada. Chegou mesmo a traduzir e publicar o panfleto de ÉDOUARD LABOULAYE acerca da *Imaculada Conceição*, saído a público após sua morte, em 1874. Esta publicação veio a comprometer o filho, já que não se poderiam distinguir naquele tempo (se é que hoje isso seria possível) cambiantes tão sutis entre heresia e heresia. Fora da Igreja, foi logo acusado RUI BARBOSA de ateísmo.

Ora, o ateísmo ele repelira muito moço. Em discurso feito numa sociedade de estudantes, e cujas folhas amarelentas tive a emoção de encontrar no meio de alguns jornais não classificados no porão da C.R.B., e datado aproximadamente da era de 1870, há uma franca e solene declaração de fé. Referindo-se à perda da mãe, ocorrida em 1867, diz ele:

Nestes lances de sobre-humano desespero, que seria de nós, se não nos valesse essa inspiração que nossas mães sabem derramar no coração infantil de seus filhos, esta crença indelével na grande divisa, na vida futura, na infalibilidade da Providência. Falo-vos assim porque eu também já provei desse cálice. Muitas e muitas vezes, abrasado por essas páginas de fogo que geram as imaginações escaldadas, eu iludi-me com os panegíricos com que a razão humana tem endeusado a si mesma, muitas vezes julguei a inteligência onipotente e absoluta; muitas vezes esperei descobrir nos recessos da ciência, desta ciência que já é tão grande, a chave para os arcanos do universo, o alimento são, completo e abundante para o espírito, o bálsamo generoso para as mágoas do coração.

Deus, porém, estendeu o seu braço para mim e crestou a flor do meu orgulho.

.....  
Então, ..., achei os livros mudos, a razão muda, e a filosofia estéril. Chorei e abracei-me à cruz. Foi a fé que me salvou<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> "Discurso em Sociedade Acadêmica Beneficente" (S.d.). In: *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. I – 1865-1871 – T. I – *Primeiros Trabalhos*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1951, p. 160.

Não há uma só declaração de ateísmo em todos os escritos de RUI BARBOSA desde a sua aparição na vida pública. Pelo contrário, o problema religioso está sempre presente em suas preocupações e em seus trabalhos intelectuais. Sua própria intervenção na Questão Religiosa, sua célebre introdução d'*O Papa e o Concílio* estão a indicar o homem religioso. A um ateu que sentido apresentariam aquelas sutis distinções de regalismo, colaboração, separação de poderes, infalibilidade, competência de definição dogmática e a angústia pelo contínuo e apavorante afastamento da massa popular da vida religiosa?

Caminhava, porém, RUI BARBOSA, seguramente, das posições exaltadas de 1876 para as atitudes mais moderadas que fizeram dele, em 1889, o membro indicado do Governo para entrar em entendimentos com D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA na preparação da lei de 7 de janeiro de 1890, cuja execução se processou num ambiente de relativa compreensão.

Já em 1893 aceita fazer uma conferência em benefício de um colégio dirigido pelas freiras de Lourdes. Aproveita então para protestar contra a fama de ateísmo. Orgulha-se de suas mudanças e exclama, em trecho tantas vezes transcrito:

Toda minha carreira tem sido um sacrifício manifesto à sinceridade. Sempre que uma opinião me escalda o espírito, é meu costume deixá-la romper sob a mais ardente de suas formas. Não faltarei hoje a essa necessidade da minha índole. Filho de um século devorado pela curiosidade suprema do infinito, duvidei, neguei, blasfemei, talvez como ele. Mas esses momentos passaram sempre como rápidas tempestades na minha consciência: quando elas se afugentavam, o horizonte do mistério eterno me reaparecia como eu o vira no coração de meus pais. Não me acolhi entre as filosofias que fazem da ciência a grande negação. Percorri as filosofias; mas nenhuma me saciou: não encontrei o repouso em nenhuma. Pus a ciência acima de todas as coisas; mas não afirmei jamais que a ciência não possa abranger as coisas divinas. Nunca encarei a ciência como a sistematização do antagonismo com o espírito. Esse incognoscível, que não cabe nos laboratórios, não acreditei jamais que se distancie da ciência por incompatibilidades invencíveis, unicamente porque esta não sabe os meios de verificá-lo. Vejo a ciência que afirma Deus; vejo a ciência que prescinde de Deus; vejo a ciência que proscreeve a Deus; e, entre o espiritualismo, o agnosticismo, o materialismo, muitas vezes se me levanta da razão esta pergunta: onde está a ciência? A mesma névoa que a princípio se adensara

sobre as inquietações do crente, acaba por envolver o orgulho do sábio. A mesma dúvida que nos arrastara das tribulações da fé ao exclusivismo científico, pode reconduzir-nos do radicalismo científico à placidez da fé<sup>9</sup>.

Não havia qualquer sombra de hipocrisia nestes protestos de honestidade de propósitos em relação ao problema religioso. Na mais estrita intimidade sabiam todos de suas práticas religiosas, especialmente a oração feita de joelhos pela manhã e pela noite, conforme nos afirmou, mais de uma vez, a minha saudosa amiga e parenta D. MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA.

Quando, em 5 de novembro de 1897, o atentado contra PRUDENTE DE MORAIS apavorou os brasileiros, revelando o grau de desrespeito pela noção de autoridade que atingia a massa popular, RUI BARBOSA não hesitou em erguer em pleno Senado uma súplica ao Criador de todas as coisas:

Senhor, estendei sobre a nossa amarga miséria um raio da vossa misericórdia; agitai em nossas almas o sopro da vossa força. [...] Sondai, até ao fundo, onde só os vossos olhos penetram, a índole deste povo, e nele encontrareis os princípios benditos da abnegação e da fé, da piedade e da justiça.

.....  
Cessou, Senhor, a hora da política humana, e principiou a da vossa: escutai-nos, Senhor!

É a voz deste país, que forceja para chegar aos vossos ouvidos nesta prece levantada da humildade desta tribuna, no Parlamento de uma nação crente, ao amigo dos mansos e dos justos, ao pai comum de todos os homens, por um daqueles que mais profunda têm a consciência das suas culpas e o sentimento do seu nada. [...]

Vendo florescer na América do Norte a liberdade política sob as asas da liberdade religiosa, o que nós quisemos, Senhor, separando a Igreja do Estado, foi aproximar de vós a sociedade e a Igreja, substituir a religião política pela religião viva. Vós, que desceis até o íntimo dos pensamentos mais ocultos, bem sabeis que outro não foi o daqueles que, como eu, fizeram essa reforma, o do herói crente, que ma incumbiu; e o calor que ela derramou na adoração do vosso nome, a concorrência que trouxe aos vossos templos, veio mostrar que não nos enganávamos. Mas uma filosofia árida e morta, de opressão e crueldade, usurpando a vossa conquista, organizou o poder em seita e empreendeu substituir no ânimo do estadista, do povo e do soldado, o culto da cruz, que abonança as paixões, humaniza os exércitos, pelo culto da intolerância, da ditadura e da força.

De modo que, justamente quando sobre a ruína de nossas ilusões liberais se estabelecia o áspero despotismo da espada, a tropa,

---

<sup>9</sup> "Conferência em favor de cinquenta órfãs do Asilo de Nossa Senhora de Lourdes da Feira de Santana em 22 de fevereiro de 1893". In: *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XX – 1893 – T. I – *Visita à Terra Natal. Discursos Parlamentares*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1948, p. 45-6.

emancipando-se do freio humano na disciplina militar, perdia, com o esquecimento de Deus, o freio divino que preserva da selvageria os homens endurecidos no hábito das armas, as multidões organizadas para a morte.

Restituí, Senhor [às praxes brasileiras], o senso das necessidades nacionais; dai ao Governo brasileiro a coragem heróica da lei, incuti ao povo brasileiro o sentimento indômito do Direito, livrai o soldado brasileiro da vertigem do sangue, ensinaí-o a amar a obediência e a paz, a humanidade e a paciência, a pobreza e o sacrifício, que são as verdadeiras fontes da bravura, o grande manancial das virtudes da guerra, a sementeira das vitórias sem mancha. Fazei-nos viris e capazes da liberdade, Senhor; libertai-nos da ambição política, em cujas garras esta nação caiu como presa indefesa; permiti que a República brasileira não tenha por colunas o jacobinismo e o terrorismo, mas o sentimento liberal e o sentimento religioso<sup>10</sup>.

Estão em gérmen nestas palavras, proferidas, repisamos, em 1897, algumas das idéias que ele havia de defender nesta Casa alguns anos depois.

Do ano seguinte, 1898, temos um valioso documento da persistência de RUI BARBOSA em seus hábitos religiosos. É uma carta escrita desta cidade de Friburgo, onde ele descansava das campanhas políticas, e onde, por insistência do velho amigo RODOLFO DANTAS, começou a ver com outros olhos os padres da Companhia, a que haveria de confiar, mais tarde, o último filho varão. A carta é dirigida a um parente e compadre<sup>11</sup>, cujo sangue orgulho-me de ter nas veias.

Friburgo, 2 de abril, 98

Jacobina, meu bom amigo.

Acabo de receber as suas duas cartas de ontem e anteontem. Os seus sentimentos correspondem em tudo aos meus; e, se entre eles houvesse divergência, fique certo de que eu me inclinaria ao seu critério, à sua calma, à sua retidão de ânimo, seguro de acertar melhor do que deixando-me levar pelos impulsos de um coração magoado e de uma alma transbordante de indignação. Nunca senti pelas vilanias humanas mais enjôos e pela sorte de nossa terra mais desânimo. Felizmente a fé em Deus se me vai acendendo, à medida que se me apaga a confiança nos homens. No meio de tantos desconfortos e iniquidade tenho-me entregado estes dias exclusivamente à leitura do Evangelho, a eterna consolação dos malferidos nos grandes naufrágios. Uma excelente edição, que eu trouxera comigo, do livro divino, permitiu-me este recurso reanimador, graças ao qual me sinto, em certos momentos, como que ressuscitar capaz de ainda servir para alguma coisa aos meus semelhantes<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Discurso proferido em 6 de novembro de 1897. In: *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XXIV – 1897 – T. I – *O Partido Republicano Conservador. Discursos Parlamentares*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 179-81.

<sup>11</sup> JOSÉ EUSTÁQUIO FERREIRA JACOBINA.

<sup>12</sup> Original doado ao Papa PAULO VI, pela FCRB, em 1978. Confronto realizado com a cópia xerográfica existente no Arquivo da FCRB.

O processo interior continuava, assim, lento e lento no aperfeiçoamento da vida religiosa. Não há, pois, nenhuma falsidade no tom religioso de que estão embebidos os discursos de RUI BARBOSA, cujas raízes espirituais como que iam procurando terreno cada vez mais seguro.

Ainda um testemunho edificante de sua vida interior temos no exemplar agora existente na Casa de Rui Barbosa, da sua edição da *Imitação de Cristo*. Trata-se de um livro com uma curiosa história. Foi oferecido a RUI BARBOSA por seu filho JOÃO, então aluno desta Casa, talvez por inspiração de algum de seus mestres, com a seguinte dedicatória:

Que te caiam na alma as doces palavras de Cristo como a muitos caíram. Ao bom paizinho oferece o filho JOÃO.

Após a morte de RUI BARBOSA, D. MARIA AUGUSTA ofereceu este precioso livro a Frei CELSO DREILING, religioso franciscano que o assistiu nos últimos instantes. Foi, após a morte deste sacerdote, oferecido por Frei LUDOVICO DE CASTRO, então R. Padre Provincial, à Casa de Rui Barbosa. Está bastante lido, relido, e profusamente anotado, não somente no texto da *Imitação*, como no do *Formulário de Orações*, que vem em apêndice. Algumas notas se prenderão à linguagem, que é em excelente vernáculo; outras se relacionarão evidentemente às suas próprias meditações. Algumas das marcas representam certamente experiências de sua própria vida que ele terá encontrado refletidas nas linhas serenas do autor desconhecido. Esta, p. ex.:

Estive em extrema penúria de tudo; ouvi queixas freqüentes de mim; suportei, com calma, injúrias e opróbrios; em troca de benefícios recebi ingratidões; responderam com blasfêmias aos meus milagres, com censuras à minha doutrina<sup>13</sup>.

Observou já um arguto comentador destas notas que as marcas de leitura quase desaparecem do livro referente ao Santíssimo Sacramento. É que a ascensão de RUI BARBOSA não alcançara ainda os cimos da prática religiosa e ainda havia sons que o seu ouvido bem dotado não conseguia perceber na

harmonia das belezas místicas daquelas páginas. Não se processara ainda uma volta aos sacramentos, como desejavam tão ardentemente alguns amigos, entre os quais o velho FELÍCIO DOS SANTOS, companheiro de mocidade, que se afastara bem mais do que ele da crença tradicional e que, na frutuosa velhice, aproximara-se de RUI com o intuito de ajudá-lo nos momentos difíceis dessa outra reaproximação definitiva.

O fato é que a leitura e a releitura da *Imitação* foi a porta aberta para outras leituras religiosas, até chegar ao próprio breviário, conforme nos narrou D. MARIA AUGUSTA, que ele gostava de ler alto, à noite, para tirar todo o proveito da musicalidade da língua latina.

Quando o nunca assaz lembrado Padre LUÍS YÁBAR insistiu em que RUI BARBOSA viesse a Friburgo dizer umas palavras aos alunos que deixavam o colégio em 1902, respondeu ele em carta de 10 de dezembro:

Queria eu obedecer aos seus desejos, para mim hoje quase ordens, comunicando-lhe que entraria no programa da sua festa colegial com o meu discursinho aos meninos. Mas não me sentia capaz, tal tem sido a minha estafa estes últimos tempos, tão fatigado e doente me sinto. Então remanchava, a ver se cobraria afinal ânimo, e, vencendo tudo, me atreveria à resolução de tomar esse compromisso. Infelizmente, porém, não melhoraram para mim as circunstâncias. Antes me cresceu a tarefa e, com o excesso de trabalho, o cansaço e desânimo. Dirá que é bem pequena coisa ter com as crianças uma palestra. Mas, em certos estados de espírito, quando a energia cerebral se nos abate, tudo avulta, e nos assoberba. Assim deixemos para o ano que vem a honra que V. Ex<sup>a</sup>. me quer proporcionar. Então, querendo Deus, conversarei de coração folgado com os seus alunos<sup>14</sup>.

Este *discursinho* aos meninos, "de coração folgado", veio a ser, afinal, o discurso de 1903, a que ele apôs, para usar suas próprias palavras, "o selo da mais absoluta sinceridade". "Eu suplicaria a Deus", continua ele,

fizesse do que vos vou dizer o meu testamento político, a última expansão pública do meu amor a meu país<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> *Imitação de Jesus Christo e Formulario de Orações*. 2. ed. aperfeiçoada. Recife, F. A. Gomes de Mattos – Editor, 1900, p. 120.

<sup>14</sup> *Cartas Inéditas de Rui Barbosa a um Jesuíta*. Sep. de *Verbum*, publicação trimestral das Faculdades Católicas, t. 6, fasc. 4, dez. 1949.

<sup>15</sup> V. p. 7.

A palestra com as crianças passou a representar um ponto luminoso naquela existência atribulada. Ponto luminoso que fecha uma etapa e abre outra em que as afirmações se tornam cada vez mais nítidas em matéria de fé.

Logo no ano seguinte, comentando os graves movimentos políticos, diz em carta a um jornal:

Não sei se incorro em ridículo, trazendo por estas alturas o nome de Deus. Se incorrer, paciência. Não me arrependo, e persisto. Nasci na crença de que o mundo não é só matéria e movimento, os fatos morais acaso ou mero produto humano. O estudo e o tempo não me convenceram de que as leis do cosmos sejam incompatíveis com uma suprema causa, de que todas as causas dependam. Já agora morrerei como meus pais abençoando, no quinhão de bem que nos toca, uma dádiva divina<sup>16</sup>.

Na lenta, mas segura ascensão de RUI BARBOSA, este discurso representou um grande momento. O Senhor o levou antes que ele houvesse subido no mesmo ritmo os degraus que o separavam do altiplano em que poderia realmente sentir-se de volta à religião de seus pais. Mas concedeu-lhe, nos últimos instantes, a graça de revelar amplamente sua perfeita intenção. Quer perante Monsenhor RANGEL em fins de 1922, quer perante Frei CELSO em 1923, perseverou em suas crenças.

Agora que comemoramos meio século destas palavras que daqui reboaram por todo o Brasil, ergamos nosso pensamento ao homem que tantas vezes encarnou a alma atribulada e sedenta de justiça do povo brasileiro e prestemos nossa homenagem aos que criaram o clima propício à elaboração de tão grave documento histórico: aos padres da Companhia de Jesus, naquele momento dignamente representados pela grande figura de sacerdote que foi o Pe. LUÍS YÁBAR, que ainda conservo na memória percorrendo estes corredores, cercado de respeito e veneração de todos que dele se aproximavam – o homem a quem – como a poucos – se expandiu RUI BARBOSA em cartas memoráveis, o homem que deu ao Brasil a oportunidade de ouvir as gloriosas palavras cujos ecos o Brasil conservará enquanto for Brasil, palavras que ouviremos daqui por diante com o brônzeo timbre da perenidade:

---

<sup>16</sup> "Carta à Tribuna." In: *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XXXI – 1904 – T. I – *Discursos Parlamentares*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 355.

As formas políticas são vãs, sem o homem que as anima. É o vigor individual que faz as nações robustas. Mas o indivíduo não pode ter essa fibra, esse equilíbrio, essa energia, que compõem os fortes, senão pela consciência do seu destino moral, associada ao respeito desse destino nos seus semelhantes. Ora, eu não conheço nada capaz de produzir na criatura humana em geral esse estado interior, senão o influxo religioso. Nem o ateísmo reflexivo dos filósofos, nem o inconsciente ateísmo dos indiferentes são compatíveis com as qualidades de ação, resistência e disciplina essenciais aos povos livres. Os descrentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados ou rebeldes, agitados ou agitadores. Mas ainda não basta crer: é preciso crer definida e ativamente em Deus, isto é, confessá-lo com firmeza, e praticá-lo com perseverança<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> V. p. 47-8.

**DISCURSO**  
**NO COLÉGIO ANCHIETA**

EX<sup>MO</sup> SR. ARCEBISPO

REV. PE. REITOR.

MINHAS SENHORAS E SENHORES.

Para os que fazemos<sup>1</sup> todos os anos esta romaria do coração, este lugar é um santuário, a que se acode com alvoroço. Destes cimos, onde estas serranias verdejantes encontraram, afinal, a sua mais bela coroa, o Colégio Anchieta nos estende à distância os braços. Onde quer que estejamos, e por mais que nos afastemos, o esmalte destes longes azulados se nos avizinha, desenhando-se no horizonte mais próximo, como um panorama familiar. Ao respirarmos, de manhãzinha, a primeira aragem do dia, a janela que abrimos nos olha<sup>2</sup> para as montanhas de Friburgo, para as devesas destes cabeços de esmeralda, que se recortam aqui no espaço transparente, para a *Village* suíça dos primeiros colonos destes sítios, agora transformada pela mão criadora dos descendentes de ANCHIETA. Sobre a tarde<sup>3</sup>, quando o colorido tropical de nossa natureza desmaia na melancolia crepuscular, muitas vezes estamos vendo suspender-se esta paisagem, com o seu gorjeio de crianças alegres, sobre as nossas cabeças, espécie de miragem risonha, ora no ambiente monótono da cidade, ora na doce tristeza dos campos. Depois, a noite, umas vezes anilada, outras argentina, se recama de cintilações longínquas, ou deixa cair em túnica imensa a sua claridade roçagante. Então, ora nas estrelas pequeninas que lucilam mais baixo, estremenhas<sup>4</sup> entre o céu e a terra, nos parece brilharem, destas paragens, as

---

<sup>1</sup> *Para os que fazemos.* – O verbo está na 1ª pessoa do plural (*fazemos*), e não na 3ª (os que *fazem*), porque quem fala se acha incluído entre os que participam na ação verbal.

<sup>2</sup> *nos olha:* nos faz olhar, faz que olhemos.

<sup>3</sup> *Sobre a tarde:* ao cair da tarde, ao entardecer. – A preposição *sobre* a indicar "tempo aproximado".

<sup>4</sup> *estremenhas:* confinantes, limítrofes, como que situadas numa fronteira (entre o céu e a terra).

lâmpadas silenciosas da estudaria<sup>5</sup>, com alguma coisa dos olhares travessos que chispam na calma noturna destes bancos; ora a brancura das imagens lunares nos debuxa, no seu alvor prateado, estas paredes, estas cornijas, estas galerias, o perfil deste monumento consagrado ao culto de nossos pais e à cultura de nossos filhos. De modo que, na peregrinação festiva desta solenidade, quando nos acercamos destas alturas duas vezes santificadas, quando tornamos a subir esta encosta hospitaleira e bendita, os abraços, as efusões, os beijos que trocamos, são estremes<sup>6</sup> de amargura e suaves como os de cada manhã nas casas felizes, em que os filhos adormecem todas as noites no amor de seus pais, e os pais acordam todos os dias entre os carinhos de seus filhos.

A emoção, pois, a grande emoção destas cerimônias anuais, que eu rogo a Deus me permita ver ainda muitas vezes, como alívio d'alma, numa época em que o contentamento é tão raro, está nos prêmios que hoje se distribuem, por juízes incorruptíveis, aos primeiros triunfos da vida e, sobretudo, no adeus que vão dizer aos seus companheiros e aos seus mestres aqueles que se partem<sup>7</sup>, para não volver. Vingaram<sup>8</sup> a primeira divisão intelectual da existência; transpuseram o primeiro grande marco de trabalho; e agora, deixando os sócios, os estudos, os brincos, os guias dos seus anos mais descuidados, vão ensaiar vôo noutra esfera, resolver a incógnita da sua vocação, fazer a seleção de sua carreira, demandar o norte do seu futuro. É a primeira aberta da vida, com o seu descortino de indecisas responsabilidades.

Ides, meus bons amiguinhos, trocar o Liceu pela Academia, e, sentindo vagamente a solenidade do passo, invocais uma palavra, que vos assista, com o viático do conforto e da experiência, para a jornada, suas dúvidas, seus riscos, suas ansiedades. Esta a missão do vosso paraninfo. Dos gregos herdamos o vocábulo, com toda a sonoridade da sua música e toda a poesia das suas reminiscências. Era, entre os helenos, o amigo predileto, que acompanhava o

---

<sup>5</sup> *estudaria*: local destinado, numa casa de ensino, a estudo e preparação dos deveres escolares por alunos internos. – Palavra em desuso.

<sup>6</sup> *estremes*: descontaminados.

<sup>7</sup> *que se partem*: que partem, que vão embora. – Este *se*, partícula expletiva, junta-se a verbos pessoais intransitivos, aos quais, algumas vezes, parece acrescentar certos matizes ainda não bem averiguados.

<sup>8</sup> *Vingaram*: ultrapassaram.

noivo no carro nupcial. Foi, na antigüidade cristã, o padrinho, que levava os desposados ao altar. É hoje, nestes sponsais do trabalho com a mocidade, o eleito dos que recebem o anel e as palmas, a fim de lhes auspiciar a felicidade da aliança.

Mas este bom agoiro<sup>9</sup>, com a lição de verdades que o deve envolver, como os aromas sagrados envolvem, nos templos, a oração, havíeis de tê-lo ido pedir a outro: a um espírito feito de saber, serenidade e pureza, a uns lábios costumados à doutrina e ao conselho, a uma vida carregada de bênçãos e frutos. Não a um homem de luta e combate, cumulado de ódios, mortificado de reveses, golpeado de provações, a um político malogrado, com todos os seus erros e todas as suas culpas, todas as suas queixas e todos os seus pecados, com todos os defeitos característicos e todos os vícios irremediáveis de uma carreira, em que se lhe esterilizou o melhor de sua natureza: o gosto das coisas intelectuais<sup>10</sup>, a estima dos prazeres<sup>11</sup> desinteressados, a elevação da vida espiritual.

Mas vós o quisestes; e tive que obedecer à grata violência de vos falar, convalescente, ainda sem forças, do acinte de uma enfermidade, que me ia roubando esta satisfação. Experimento-a hoje pela primeira vez, essa doçura, a que os vossos mestres se afizeram, e posso assegurar-vos que a sinto no íntimo d'alma como um carinho bondoso da minha fortuna<sup>12</sup>. DEMÓSTENES se ensoberbecia de ter a PLATÃO por ouvinte, prezando em mais<sup>13</sup> tamanha honra que a de senhorear por auditório o mundo inteiro. Para mim a de me entreter convosco sobreexcede em gozo a todos os momentos de vão orgulho e inútil embriaguez, que a tribuna me possa ter dado.

---

<sup>9</sup> agoiro. – Alternam em muitas palavras os ditongos *ou* e *oi*. Em casos assim, a escolha de RUI inclina, quase sempre, para a forma de menor curso no Brasil.

<sup>10</sup> *o gosto das coisas intelectuais*: o gosto *pelos* coisas intelectuais. – Goza da preferência dos clássicos o uso da preposição *de* em seqüência a substantivos que significam disposição de ânimo em relação a alguma coisa ou pessoa (*o amor da pátria, o horror da opressão, o desprezo dos inimigos, etc.*). A par com esta preposição podem ocorrer, conforme o caso, principalmente *a, por e para*.

<sup>11</sup> *a estima dos prazeres*: a estima *pelos* (ou *aos*) prazeres. V. nota 10.

<sup>12</sup> *fortuna*: boa sorte.

<sup>13</sup> *em mais*: como coisa mais importante, como fato de maior valor. – Trata-se de predicativo (constituído de *preposição + palavra substantivada*) do objeto direto "tamanha honra". Este *mais* concentra em si, a um só tempo, forte carga qualificativa e intensificadora.

Todas as causas, algumas bem santas, em que ela foi o meu campo de batalha, não valem mais que a<sup>14</sup> do vosso destino. Com a diferença que ali espargia eu ao vento os meus rebates de atalaia, as minhas vozes de guerreador, ou os meus vaticínios de profeta (que tudo me imaginava na vaidade da minha ambição e na impotência do meu nada); ao passo que hoje, aqui, serei apenas a mão chã do semeador, semeando algumas sementes de bem no torrão virgem do seio que me abris.

E, quando a minha tarefa deste momento se me antolha sob esta feição, alguma coisa passa por mim como de cima, religiosamente. A fronte do sacerdote se verga para o cálice consagrado. A do lavrador, para a terra. A do que espalha o grão da verdade, para o sulco soaberto nas consciências novas. E todos três receberam ordens sacras. Todos concorrem para a fecundação divina do Universo. A hóstia, o arado, a palavra correspondem aos três sacerdócios do Senhor. Mas a suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade. O lavrador deste chão devia amanhã-lo de joelhos. Crede que me acho realmente sob esta impressão, como se, ao receber dos braços de minha companheira um filho recém-nascido, uma voz interior me segredasse: "Purifica o teu hálito, que lhe vai insuflar a vida, ou a morte."

Se a minha<sup>15</sup> fosse necessária, para gravar indelevelmente neste meu colóquio convosco o selo da mais absoluta sinceridade, eu suplicaria a Deus fizesse do que vos vou dizer o meu testamento político, a última expansão pública do meu amor a meu país. Quando me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, forcejando atinar em que teria eu merecido algum apreço dos meus compatriotas, e porque<sup>16</sup> vos inspirara tais simpatias, não acho a meu crédito senão três modestas verbas. Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa síntese o meu *curriculum vitae*, e do meu naufrágio salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez, resumido com dizer: "Estremeceu a pátria, viveu no trabalho, e não perdeu o ideal."

---

<sup>14</sup> *que a [causa] do vosso destino.*

<sup>15</sup> *se a minha [voz] fosse necessária.*

<sup>16</sup> *porque.* – Num só vocábulo, a modelo do francês (*pourquoi?*) e do italiano (*perché?*). É o advérbio de causa, figurante, aí, numa interrogação indireta.

São as três faces da minha vida. São os três aspectos, em que se poderia compendiar o bem e o mal da vida humana. Se alguma notícia da realidade moral tenho, é a que eles me exprimem. Sejam, pois, esses, hoje, os três versículos do nosso evangelho.

Nada mais natural que o amor da pátria<sup>17</sup>; mas também nada mais confuso, nada mais abusado, nada mais degenerável. Toda a<sup>18</sup> planta quer<sup>19</sup> ao húmus, de que se nutre, ao envoltório aéreo, onde respira, ao pedaço de azul celeste, que lhe sorri e a orvalha. Mas esses rebentos da seiva terrestre não têm paixões, como a planta humana. Esta é, de seu natural, ambiciosa, violenta, agressiva, invasora, absorvente, exclusivista; e todas essas aberrações malévolas facilmente mistura com o patriotismo, que, assim entendido, se parece tanto com o bom amor da pátria como o mal com o bem.

Desconfiai dos rótulos, que mentem, meus amigos, e habituai-vos a contrastear a mercadoria com o critério vivo do vosso bom senso. Pois não foi o Terror, por exemplo, quem<sup>20</sup> inaugurou em política a senha da *Fraternidade*? A guilhotina fizera desta palavra a expressão do fratricídio, arvorado em lei de governo. "Cheguei a esta conclusão", filosofava METTERNICH em Paris: "reinando a *fraternidade*, que aqui se usa, se eu tivesse *irmãos*, tratá-los-ia de *primos*." As mais horrendas matanças que ensangüentaram aquele país, tocam ao regímen<sup>21</sup> dessa legenda pacificadora: desde as trucidações de mulheres e meninas pelos setembristas<sup>22</sup> em 1792 até o assassinio dos reféns pelos comunistas em 1871.

Já vedes que, no vocabulário dos sofismas da maldade, os mais formosos nomes padecem deturpações de sentido atrozes. Mas dessas fraudes blasfemas

---

<sup>17</sup> o amor da pátria. – V. nota 10.

<sup>18</sup> *Toda a planta*: qualquer planta. – Atualmente, costuma-se distinguir *todo o* (= inteiro) de *todo* (= qualquer). Os clássicos, entretanto, de cuja linguagem RUI procurava aproximar-se, usavam indistintamente de uma e outra forma.

<sup>19</sup> *quer ao húmus...* – Acompanhado de complemento com *a*, o verbo *querer* significa "amar, estimar, ter afeto".

<sup>20</sup> *quem*. – Modernamente quase só se emprega referido a "pessoa", ou, como é a situação presente, no caso de "personificação" do termo a que se alude (o *Terror*, episódio da Revolução Francesa).

<sup>21</sup> *regímen*. – À variante vernácula *regime* RUI prefere sistematicamente a forma alatinada *regímen*.

<sup>22</sup> *setembristas em 1792*: os autores de execuções sumárias de mais de mil pessoas, entre 2 e 6 de setembro, nas prisões de Paris, durante a Revolução Francesa.

nenhum sofreu ainda maiores torturas que o de *patriotismo*. Não vos iludais com essas falsificações abominandas<sup>23</sup>. O sentimento que divide, inimiza, retalia, detrai, amaldiçoa, persegue, não será jamais o da pátria. A pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula, e tendes o organismo. Multiplicai a família, e tereis a pátria<sup>24</sup>. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma circulação sangüínea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que o Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: *Diliges proximum tuum sicut te ipsum*<sup>25</sup>.

Dilatai a fraternidade cristã, e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade. Objetar-me-eis com a guerra? Eu vos respondo com o arbitramento. O porvir é assaz vasto, para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações, independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa. Aplicai-o agora dentro nas<sup>26</sup> raias desta: é o mesmo resultado: benqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos. Se o casal<sup>27</sup> do nosso vizinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura, de que não compartimos. Bendigamos, antes, na rapidez da sua medrança, no lustre da sua opulência, o avultar da riqueza nacional, que se não pode compor da miséria de todos. Por mais que os sucessos<sup>28</sup> nos elevem, nos comícios, no foro, no parlamento, na administração, aprendamos a considerar no poder um

---

<sup>23</sup> *abominandas*: que devem ser abominadas. – O termo usado pelo escritor (mais preciso que *abomináveis*) põe em relevo a idéia de "obrigatoriedade", contida na forma latina originária.

<sup>24</sup> *Multiplicai... e tendes / Multiplicai... e tereis*. – Equivalente(s) semântico(s) da construção condicional (= *Se multiplicardes... tereis*). A oposição de tempos verbais (*tendes / tereis*), de natureza estilística, representa o contraste entre as idéias, respectivamente, de "conseqüência certa" e "conseqüência esperável, ou previsível".

<sup>25</sup> *Amarás teu próximo como a ti mesmo*.

<sup>26</sup> *dentro nas raias*: dentro das raias. – É *dentro em* locução prepositiva corrente na linguagem dos clássicos.

<sup>27</sup> *casal*: pequena propriedade; granja, sítio.

<sup>28</sup> *sucessos*: acontecimentos.

instrumento da defesa comum, a agradecer nas oposições as válvulas essenciais de segurança da ordem, a sentir no conflito dos antagonismos descobertos a melhor garantia da nossa moralidade. Não chamemos jamais de *inimigos da pátria* aos nossos contendores. Não averbemos<sup>29</sup> jamais de *traidores à pátria* os nossos adversários mais irredutíveis.

A pátria não é ninguém: são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação. A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque<sup>30</sup> todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originariamente no amor. No próprio patriotismo armado, o mais difícil da vocação, e a sua dignidade, não está no matar, mas no morrer. A guerra, legitimamente, não pode ser o extermínio, nem a ambição: é simplesmente a defesa. Além desses limites, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia.

Mas o patriotismo, praticamente, consiste, sobretudo, no trabalho. *Laboremus*<sup>31</sup>, murmurava, expirando, o imperador romano. *Laborate*<sup>32</sup>, estão a dizer-vos, na sua austera alegria, todos os cânticos desta solenidade, seus emblemas, seus quadros, as recordações de vossa vida entre estes muros, que aqui ficam, na constância da sua imobilidade, a hospedar outras gerações, e assistir a outras despedidas.

O saber moderno, espaçando incomensuravelmente as extremas<sup>33</sup> do universo acessível à sonda humana<sup>34</sup>, rasgou ao estudo páramos encantados,

---

<sup>29</sup> *averbemos*: qualifiquemos, tachemos.

<sup>30</sup> *Porque*. – Introduce oração coordenada que contém a justificação do que foi dito no período anterior. Quando de certa duração ou a serviço da ênfase oratória, a pausa que separa a oração de "porque" coordenativo pode assinalar-se por ponto-e-vírgula e, até, por ponto simples.

<sup>31</sup> "*Laboremus*". – Forma verbal latina: *trabalhemos*.

<sup>32</sup> "*Laborate*". – Forma verbal latina: *trabalhai*.

<sup>33</sup> *extremas*: divisas, fronteiras.

revelou à curiosidade imprevistos fabulosos, armou a observação de instrumentos estupendos, variou-nos ao infinito o campo do trabalho. Mas, por isso mesmo, o adscreveu a uma prudência, a uma temperança, uma humildade, que encerram a cada trabalhador<sup>35</sup> nos âmbitos mais estreitos. As sínteses vêm a ser agora de uma vastidão e complexidade inenarravelmente embaraçosas. As análises, de uma particularização, uma severidade e uma delicadeza não menos exigentes. De sorte que, nessa imensidade incalculável, balizada pela imaginação entre dois infinitos, o do invisível sidéreo e o do invisível microbiano, o menor recanto, conscienciosamente explorado, basta a absorver as forças de um talento e a atividade de uma vida.

Quanto mais largas vastidões abrange o saber, tanto mais razão de serem modestos os seus cultores. A circunferência visual se ensancha, à medida que a luneta do observatório alcança mais longe. Mas o observador é um ponto, que se reduz cada vez mais no centro do horizonte sensível. Muito há que alguém disse: "O sábio sabe que não sabe."

Considerai agora quanto mais discretos, quanto menos desvanecidos não devemos de ser os que não transpomos<sup>36</sup> a condição ordinária da mediocridade, e, como esses, os principiantes, os novos, as crianças, todos os que, no revolver desses latifúndios, estão ainda à flor da terra. Não vos desacoroção do estudo, meus amigos: tão-somente vos acautelo da presunção. Por menor que seja a safra intelectual de cada um, pode ser um tesoiro<sup>37</sup>: um dia afortunado enriquece às vezes o explorador. Nem só os laureados entre os demais, os que aumentam de novos cabedais o patrimônio comum, se hão de ter por bem pagos da lida estudiosa. Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através desses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo. Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar

---

<sup>34</sup> *sonda humana*. – Emprega-se a expressão em sentido figurado. Há de entender-se aproximadamente assim: o conjunto de recursos de que podem dispor os homens para abranger a imensidão de conhecimentos que o saber moderno lhes permite abarcar.

<sup>35</sup> *encerram a cada trabalhador*. – Objeto direto exposto por nome de pessoa ou referente a pessoa, aceita, facultativamente, a presença da preposição "a".

<sup>36</sup> *os que não transpomos*. – V. nota 1.

<sup>37</sup> *tesoiro*. – V. nota 9.

com discernimento a Deus<sup>38</sup>, e governar com acerto a vida, sobejamente compensa as maiores canseiras do entendimento, desde as porfias da escola até às meditações do gabinete. Por distintos, porém, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a fronte de coroas, e o nome se vos grave entre os dois privilegiados na fama, não seja nenhum de vós confiado na sua suficiência, nem da sua glória se envaideça. Porque só há uma glória verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba, nem a fatuidade. Depois, a ciência é grande, mas os cientes, na infinidade do seu número, são pequeninos, como pequeninos são, contemplados do espaço, os maiores acidentes da superfície terrestre.

Mocidade vaidosa não chegará jamais a virilidade útil. Onde os meninos camparem<sup>39</sup> de doutores, os doutores não passarão de meninos. A mais formosa das idades ninguém porá em dúvida que seja a dos moços: todas as graças a enfloram e coroam. Mas de todas se despiu, em sendo presunçosa. Nos tempos de preguiça e ociosidade cada indivíduo nasce a regurgitar de qualidades geniais. Mal esfloraram os primeiros livros, e já se sentem com força de escrever tratados. Dos seus lentes desdenham, nos seus maiores desfazem<sup>40</sup>, chocarreiam dos mais adiantados em anos. Para saber a política, não lhes foi mister conhecer o mundo, ou tratar<sup>41</sup> os homens. Extasiados nas frases postiças e nas idéias ressonantes, vogam à discricção<sup>42</sup> dos enxurros da borrasca, e colaboram nas erupções da anarquia. Não conhecem a obediência aos superiores e a reverência aos mestres. São os árbitros do gosto, o tribunal das letras, a última instância da opinião. Seus epigramas crivam de sarcasmos as senhoras nas ruas; suas vaias sobem, nas escolas, até à cátedra dos professores. É uma superficialidade satisfeita e incurável, uma precocidade embotada e gasta, mais estéril que a

---

<sup>38</sup> *adorar... a Deus.* – Objeto direto representado pelo nome "Deus" requer obrigatoriamente a preposição *a*.

<sup>39</sup> *camparem:* gabarem-se, jactarem-se.

<sup>40</sup> *nos seus maiores desfazem:* desmerecem, amesquinham os seus antepassados.

<sup>41</sup> *tratar os homens:* saber lidar com os homens.

<sup>42</sup> *à discricção dos enxurros:* à vontade dos enxurros, sem lhes opor resistência.

velhice. Deus a livre a esta<sup>43</sup> de tais sucessores, e vos preserve de semelhantes modelos.

Sede, meus caros amiguinhos, tais quais o verdor florescente de vossos anos o exige: afervorados, entusiastas, intrépidos, cheios das aspirações do futuro e inimigos dos abusos do presente. Mas não vos reputeis o sal da terra<sup>44</sup>.

Habituai-vos a obedecer, para aprender a mandar. Costumai-vos a ouvir, para alcançar a<sup>45</sup> entender. Afazei-vos a esperar, para lograr concluir. Não delireis nos vossos triunfos. Para não arrefecerdes, imaginai que podeis vir a saber tudo; para não presumirdes, refleti que, por muito que souberdes, mui pouco tereis chegado a saber. Sede, sobretudo, tenazes, quando o objeto almejado se vos furtar na obscuridade avara do ignoto. Profundai a escavação, incansáveis como o mineiro no garimpo. De um momento para outro, no filão resistente se descobrirá, talvez, por entre a ganga, o metal precioso.

Haveis de ouvir falar amiúde em portentos e monstros, cuja capacidade nasce consumada e deslumbrante do seio materno, como Palas da cabeça de Júpiter<sup>46</sup>. O portento pagão se renova, entre nós, debaixo de todos os tetos. Cada família se gaba de uma águia<sup>47</sup>. Triste ilusão da paternidade mal equilibrada. Os gênios são meteoros raros, nem sempre benéficos. E raramente serão frutos espontâneos da natureza: as mais das vezes os cria a paciência e a perseverança. É a assiduidade na educação metódica e sistemática de nós mesmos o que<sup>48</sup> descobre as grandes vocações e amadurece os grandes escritores, os grandes artistas, os grandes observadores, os grandes inventores, os grandes homens de Estado. Não contesto a *inspiração*; advirto apenas em que é freqüentemente uma revelação do trabalho.

---

<sup>43</sup> *Deus a livre a esta.* – O termo "a esta" (= a velhice) funciona, a benefício da clareza, como aposto do objeto direto "a".

<sup>44</sup> *o sal da terra:* os salvadores do mundo, os que alimentam a vã intenção de corrigir as fraquezas dos homens. – Com esta metáfora se designam, em Teologia, os Apóstolos.

<sup>45</sup> *alcançar a entender.* – Regência arcaizada do verbo *alcançar*, no sentido de "conseguir", "lograr".

<sup>46</sup> *como Palas da cabeça de Júpiter.* – Entidades mitológicas: Palas, deusa da sabedoria, das artes e da guerra, era filha de Júpiter, que a fez sair de seu cérebro, já armada da cabeça aos pés.

<sup>47</sup> *águia:* pessoa de grande talento (em sentido figurado).

<sup>48</sup> *É a assiduidade... o que descobre.* – Sintaxe clássica, de largo uso até os fins do século XVIII. Um tanto rara na linguagem atual, que, em regra, prescinde do antecedente o (a, os, as).

Dos que nascem argentários se fazem ordinariamente os pródigos inúteis e malfazejos. A cultura pertinaz e obstinada é que desentranha da gleba revessa as vegetações luxuriantes, as florescências maravilhosas, as frutificações opulentas, searas, pomares, rebanhos, metrópoles, nações, estados, prole imensa desse casamento perene, abençoado por Deus, entre a terra e o trabalho. Trabalhai, pois, mas persistentes, incessantes, como o sol de todos os dias e o orvalho de todas as noites. Ouvireis discorrer de grandes e pequenas nacionalidades, de impérios poderosos e repúblicas desprezíveis. Tudo aí é atividade, ou indolência; tudo vai do trabalhar, ou não trabalhar. Não há senão<sup>49</sup> povos, que trabalham, e povos, que não trabalham. Se nós trabalhássemos, não veríamos, no Brasil, com os seus dezesseis ou dezoito milhões<sup>50</sup> de habitantes, um território capaz de alimentar a população da China e uma natureza bastante a faltar metade da Europa, essa importação factícia e indizivelmente lamentável das questões da miséria, que açoitam, no velho Continente, os países exaustos ou sobrepovoados.

Mas o trabalho é rude, às vezes desabrido, ferrenho, desconversável: não lisonjeia os seus neófitos, não ameniza as suas durezas, não condescende com as nossas debilidades. Mas é preciso encará-lo serenamente. Não conheceis esses corações meigos, francos, donosos, que um córtex de árvore enrugada e sombria oculta aos olhos vulgares? Insisti, familiarizai-vos; e acabareis vendo, afinal, como o sobreceño se desfranze, a aridez se orvalha, o amargor se adoça, e de onde se oiriçava<sup>51</sup> de obstáculos e antipatias a crespidão impenetrável, começam a soabrir inesperados favos, a abrolhar surpresas, a destilar mimos, a se tramar sutilmente de liames e carícias inefáveis a rede, que nos enlaça para sempre nas suas malhas. Fez-se carne da nossa carne: entrou da epiderme ao músculo, do músculo ao nervo, do nervo à medula, ao coração, ao tecido pulmonar, ao oxigênio do sangue, à célula cerebral, ramificando os fios imperceptíveis de vaso em vaso, entretecendo-os de fibra a fibra, atravessando-os de glóbulo em glóbulo, até se implantar em nós inseparavelmente, como a mais orgânica das nossas necessidades e o mais generalizado elemento da

---

<sup>49</sup> *senão*: exceto. – Num só vocábulo; serve de pôr uma exceção a uma expressão negativa. (Cf. se *não*, nota 125).

<sup>50</sup> *dezesseis ou dezoito milhões de habitantes*. – Recorde-se que este discurso é de 1903.

<sup>51</sup> *oiriçava*. – V. nota 9.

nossa vida. Eis o trabalho como o eu amo, como o eu sinto<sup>52</sup>, como é mister, para regenerar o homem, para transformar os povos, para criar os moços.

Somente a aquisição desta segunda natureza não se obtém sem o seu tirocínio especial um pouco árduo nos primeiros começos, mas logo depois cheio de salutareas compensações. Evitai o perfunctório, o superficial, o atamancado. Ousai sempre o que meditadamente resolverdes. Ultimai sempre o que tentardes. Proponde-vos a tarefa, estreita, moderada, circunscrita, segundo o vosso alento; mas esgotai-a, limai-a, poli-a. Não vos fique dúvida, que não esquadrinheis; imperfeição, que não corrija. Tende por igualmente dignos de consideração assim os máximos, como os mínimos defeitos; e não vos escape aresta, interstício, aspereza, mancha, inarmonia. Não dissimuleis, em suma, com a vossa obra. Quando vos sair das mãos, seja, até onde puderdes, acabada. E, se destarte vos exercitardes algum tempo, tereis adquirido o grande hábito, o hábito salvador, o hábito do trabalho sério, educativo, fertilizante. Praticai-o assim, que não vos arrependereis: será o criador da vossa fortuna, o ornamento do vosso nome, o consolo de vossa velhice. Mas, não começando nos anos juvenis, tarde será nos outros. Vegetareis então como o sapé das terras cansadas, entonado, exuberante, mas ocioso, bravio, daninho, símbolo da esterilidade satisfeita e ostentada ao sol.

Falara da Pátria. Venho de falar-vos do trabalho. Agora vos falarei no ideal.

Se vos eu dissesse<sup>53</sup> que o ideal é a parte mais grave da realidade humana? Filhos desta casa, bem mo compreenderíeis. Como definir o ideal? O ideal não se define; enxerga-se por clareiras que dão para o infinito: o amor abnegado; a fé cristã; o sacrifício pelos interesses superiores da humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heróica, ou uma aspiração sublime.

Disse o Cristo que o homem não vive só do pão. Sim; porque vive do pão e do ideal. O pão é o ventre, centro da vida orgânica. O ideal é o espírito, órgão da vida eterna. Entendei, como quiserdes, a eternidade e a espiritualidade. Se

---

<sup>52</sup> *como o eu amo, como o eu sinto* – Colocação arcaica do pronome pessoal átono, completamente proscrita do estilo hodierno.

debaixo de uma ou de outra forma, que será o ideal mais ou menos celeste, mais ou menos terreno, não as admitirdes, tereis reduzido os entes racionais à animalidade. A política experimental dos incrédulos ainda não pôde agenciar para o grande ensaio, no grêmio da civilização, uma nacionalidade materialista. Até hoje, os celeiros do gênero humano, as terras onde loirejam<sup>54</sup> as messes, onde florescem os linhos, onde se tecem as lãs, onde os rebanhos se renovam como a erva dos prados, são os que se fertilizam com o suor dos povos crentes. Esbulhá-los do seu ideal era mais difícil que bani-los das suas pradarias, dos seus armentos, das suas searas, dos seus linhares, das suas manufaturas. Porque<sup>55</sup>, nesses povos, a consciência domina todas as instituições e todos os interesses. A religião os fez livres, fortes e poderosos. Pela religião fizeram as suas maiores revoluções. À sombra da religião fundaram os seus direitos. Tirassem a esses Estados o seu ideal, que restaria? Grandes construções morais, sem o cimento que as soldava. Tremendas forças sociais, sem o freio que as continha. Massas enormes, sem coesão que as detivesse, como os rochedos erráticos nas eras diluvianas, ou as aludes<sup>56</sup> soltas pelos despenhadeiros dos Alpes. Quando o fratricídio separatista<sup>57</sup>, nos Estados Unidos, abalou com uma guerra sem exemplo os eixos do mundo, lutava um interesse com um ideal. O ideal, que era a liberdade, esmagou para sempre o interesse, que era o cativo. Acreditais que fora do cristianismo uma nação de Titãs abrisse assim as próprias veias, para expiar e extinguir o crime da exploração de uma raça aviltada?

Aí tendes, caracteristicamente, o valor prático desse elemento imponderável, mas decisivo, nos destinos humanos. Vede o Oriente e o Ocidente: são dois ideais. Vede a Palestina, Atenas, Roma: três ideais, moldando três mundos. Vede a Idade Média, a Renascença, a Revolução Francesa, a Emancipação Americana: quatro épocas, individualizadas cada uma por uma

---

<sup>53</sup> *Se vos eu dissesse.* – V. nota 52.

<sup>54</sup> *loirejam.* – V. nota 9.

<sup>55</sup> *Porque.* – V. nota 30.

<sup>56</sup> *as aludes:* grande massa de neve, que se desagrega da montanha e despenha encosta abaixo. – Palavra basca, de introdução relativamente recente em Português (no século XIX?), com gênero, ordinariamente, masculino.

idealização profana ou sagrada. E notai. Na Renascença o ideal pagão irradia pela terra as graças de Hélade; mas os prodígios de uma civilização gerada no culto exclusivo da beleza evocam do mesmo berço as artes mais gentis e os mais hediondos crimes. Na Revolução Francesa o ideal filosófico, ermando os altares, poluindo os templos, exterminando os sacerdotes, entrega a França à anarquia sanguinária do Terror, cujas alucinações homicidas legitimaram como remédio providencial a tirania militar. Na Emancipação Americana o ideal cristão funda uma constituição sem igual, uma democracia sem igual, uma prosperidade sem igual, uma potência desmarcada e assombrosa, que, virtualmente entronizada no protetorado de um Continente, projeta a sua sombra sobre o outro através dos dois oceanos.

Esse o ideal que, em 1889, nos atraiu<sup>58</sup>. Notai bem, meus caros afilhados: o vosso paraninfo não vem politicar neste recinto sagrado. Discuto uma questão essencialmente moral, e, como ela intimamente entende com<sup>59</sup> os deveres do civismo, que, hoje em dia, entre os povos livres, se professam com as primeiras letras, não se pretenderá que eu me demasie, ocupando-me, em uma colação de grau a bacharéis, com as origens e os caracteres morais da Constituição brasileira. Uma Constituição é, por assim dizer, a miniatura política da fisionomia de uma nacionalidade. Quando não seja, pois, um falso testemunho solenemente levantado ao povo a que se destina, tem de lhe esboçar em grandes traços o sentimento geral. Seria ele positivista, ateuista, indiferentista, no Brasil, quando tombou, em 1889, a monarquia, e se erigiu a República em 1891? Ou teria a Constituição de 24 de fevereiro rompido abertamente, em matéria espiritual, com a índole brasileira, impondo-lhe um pacto constitucional, que a oprima?

Há, por aí, uma feição peculiar de radicais, emanação da França voltairiana, da França revolucionária, da França jacobina, da França comtista, que imaginou engendrar a teoria da nossa Constituição à luz das tendências

---

<sup>57</sup> *fratricídio separatista*: a chamada "guerra de Secessão", que, nos E.U.A., opôs, de 1861 a 1865, uma confederação de Estados do Sul (partidários da escravidão dos negros) aos Estados do Norte (defensores da libertação dos negros), tendo terminado com a vitória dos nortistas.

<sup>58</sup> *o ideal que, em 1889, nos atraiu*: o de inspirar-se no modelo americano a organização política da República recém-instituída no Brasil. Isto de fato aconteceu, porque coube justamente a Rui redigir o projeto da Constituição de 1891.

<sup>59</sup> *entende com*: diz respeito a, relaciona-se com.

francesas, das preocupações francesas, das reações francesas, das idiossincrasias francesas. Mas, senhores, a Constituição federalista do Brasil não tem a mais remota descendência às margens do Sena. Sua embriogenia é exclusiva e notoriamente americana. Ora, os americanos, por este lado, não devem nada à influência francesa. Em 1789, quando a França abriu a era tormentosa das suas revoluções, dois anos havia que os Estados Unidos fruía pacificamente a sua Constituição atual. A célebre *Declaração de Direitos do Homem* é de 1791. A *Declaração* americana é de 1776. De 1791 foi a primeira Constituição francesa. A primeira americana foi de 1787. De modo que os Estados Unidos precederam anos e anos a França no regímen<sup>60</sup> das constituições escritas e na declaração das liberdades humanas. A Constituição francesa tinha a sua ascendência na filosofia do século dezoito e no *Contrato Social* de ROUSSEAU, com algumas indigestas reminiscências inglesas, hauridas em MONTESQUIEU. A americana, com uma estirpe de seis séculos no Tâmis, venerava a sua primeira avoenga na Magna Carta, as últimas nas cartas coloniais e nas Constituições das colônias emancipadas, tudo genuína e direta progênie dessa liberdade inglesa, que nunca se separou da Bíblia e da Cruz.

Verdade é que, se, ali, todos esses monumentos da era pré-constitucional reconhecem mais ou menos explicitamente a ação da Providência no governo do mundo, a Constituição americana, mãe, por adoção e identidade íntima, da nossa, omite o nome de Deus.

Mas isso não obsta a que, nos Estados Unidos, a religião seja a primeira das instituições políticas e sob essa Constituição a vida religiosa tenha um amparo mais estável e uma relação mais declarada com os grandes atos do Estado que noutro qualquer ponto da Terra. "A religião, na América", escreve TOCQUEVILLE,

não participa diretamente no governo da sociedade; mas é, contudo, a sua mais alta instituição política. E eu tenho por certo que os americanos consideram a religião indispensável à manutenção das instituições republicanas. Este juízo não é peculiar ali a uma classe, ou a um partido: pertence a toda a nação e a todas as situações sociais.

---

<sup>60</sup> *regímen*. – V. nota 21.

Seus homens de Estado, seus legisladores, seus presidentes nunca se envergonharam de confessar ali esta verdade, mostrando, pelos atos mais insignes, de caráter oficial, que

a separação entre a Igreja e o Estado, tal qual se pratica naquele país, não separou a nação do cristianismo.

Quando a Convenção americana, de que a Convenção francesa foi antítese, labutava, entre escolhos temerosos, na tarefa da construção constitucional, dia houve, em que todos os ânimos soçobraram, parecendo irremediavelmente naufragada a tentativa de compor das colônias redimidas uma grande nação. Então, em momentos de inexprimível tristeza, FRANKLIN se levantou, entre os constituintes, e disse:

Temos discorrido<sup>61</sup> um por um todos os estados de Europa; mas nenhuma das suas Constituições se adapta às nossas circunstâncias. Posta esta assembléia em tal situação, como que às escuras no buscar da verdade, e quase incapaz de a discernir, quando a encontre, – como vem a ser que, até agora, nos não tenha acudido socorreremo-nos ao Pai de toda a luz, exortando-lhe nos ilumine o entendimento? Ao começar da pendência com a Grã-Bretanha, quando os perigos nos traziam em sobressalto, celebrávamos preces, todos os dias, neste recinto, implorando a proteção divina. Nossas súplicas, senhores, foram escutadas e dadivosamente correspondidas. Todos os que afanávamos<sup>62</sup> no conflito, amiudadas ocasiões tivemos de observar a intervenção da Providência em nosso favor. A essa Providência generosa devemos este ensejo, que ora se nos oferece, de estarmos deliberando em paz sobre os meios de plantar a nossa futura prosperidade nacional. E havemos de esquecer agora esse patrocínio onipotente? Ou cuidamos já não haver mister de que nos assista<sup>63</sup>? Tenho vivido largos dias, senhores, e, quanto mais vivo, mais convincentes provas se me deparam desta verdade, que Deus superintende os negócios humanos. Ora, se uma avezinha não cai, sem que Ele o saiba, como poderia suceder que se erija um grande império, faltando-lhe a Sua ajuda! As sagradas escrituras nos asseveram que, "se Deus não edificar a casa, debalde se cansarão os que a constroem". Eu firmemente o acredito. Permitti-me, portanto, alvittrar que, de ora avante, nesta assembléia, todas as manhãs, antes de encetarmos os nossos trabalhos, se façam preces, rogando a assistência do Céu, as suas bênçãos, e que, para officiar em tal serviço, convidemos um ou mais membros do clero.

---

<sup>61</sup> *discorrido*: analisado, examinado.

<sup>62</sup> *Todos os que afanávamos*. – V. nota 1.

<sup>63</sup> *assista*: proteja, ajude.

Nem era da boca de um devoto, de um católico fervente, ou de um rígido puritano, que se exalavam, no seio daquele congresso político, essas eloqüentes homenagens à divindade. FRANKLIN professava a filosofia, simpatizava com os espíritos mais livres da França, e, na família dos grandes investigadores científicos, não teve, talvez, até hoje, sucessor em seu país.

Percorrei toda a série dos grandes estadistas americanos, daqueles, em particular, que sopesaram as maiores responsabilidades do governo: nenhum esqueceu a Deus<sup>64</sup> em horas solenes. JEFFERSON mesmo, cujo espírito político se educara sob o influxo das teorias francesas, e convivera intimamente, em França, com os chefes da incredulidade, o próprio JEFFERSON repassava de acentos cristãos as suas mais solenes comunicações ao Congresso. Sua mensagem inaugural, em cujo curso aludia à "religião benfazeja" e à "Providência, que nos governa", terminava com esta súplica:

Queira esse Poder infinito, que rege os destinos do universo, guiar-nos as deliberações para o melhor, azando-lhes sucesso favorável ao nosso descanso e prosperidade.

WASHINGTON, antes dele, dera o exemplo memorável. Pronunciando, em abril de 1789, a sua primeira fala ao Congresso, nas palavras lhe reverberava a unção de um levita oficiando no Tabernáculo:

Seria singularmente injusto omitir, no primeiro dos nossos atos oficiais, os meus fervorosos rogos ao Ser Onipotente, que senhoreia o universo, que preside aos conselhos das nações, e cujo valimento providencial pode suprir todas as deficiências humanas, conjurando-Lhe<sup>65</sup> que as suas bênçãos consagrem à liberdade e à boa ventura do povo dos Estados Unidos um governo por ele instituído essencialmente com esse intuito, e habilitem cada um dos instrumentos utilizados na sua administração a exercer com acerto as funções do seu cargo. Rendendo este preito ao grande autor de todo o bem, público e privado, certo estou de exprimir não menos os vossos sentimentos que os meus, e os dos vossos concidadãos em geral tanto quanto os meus e os vossos. Nenhum povo está em maior obrigação de reconhecer a mão invisível, que ruma os negócios humanos, do que o povo dos Estados Unidos. Em cada uma de suas passadas para a independência nacional como que se distingue o rasto da intervenção da Providência... Na economia da natureza, a felicidade e prosperidade gerais andam indissolavelmente associadas como sólidas recompensas à honestidade e magnanimidade no governo. O céu não

---

<sup>64</sup> *esqueceu a Deus.* – V. nota 38.

<sup>65</sup> *conjurando-Lhe:* rogando-lhe com insistência.

pode sorrir propício à nação, que transgredir as normas eternas da ordem e do direito, pelo céu mesmo estabelecidas.

Sete anos depois, encerrando a sua carreira pública nessa Mensagem de Despedida, o célebre *Farewell Address*, meditada ali, depois, sucessivamente, por todas as gerações, como capítulo sagrado, o *pai dos Estados Unidos* lhes recomendou mais uma vez o espírito cristão como primeiro mandamento do governo:

De todas as inclinações e hábitos que nos conduzem à prosperidade política, os indispensáveis alicerces vêm a ser a religião e a moral. Em vão reclamaria o tributo do patriotismo aquele, que trabalhasse por subverter esses grandes sustentáculos da felicidade humana, os mais firmes esteios de todos os deveres do homem e do cidadão. Os políticos não lhes devem querer menos que as almas pias... Conceda-se o que se conceder à influência de uma apurada educação em espíritos dotados de prendas singulares: nem a razão, nem a experiência nos deixam esperar que a moralidade nacional se preserve sem o concurso do princípio religioso.

Assim compendiava todo o saber do seu gênio e dos seus anos o estadista, que uma frase consagrada aponta, na história de seu país, como "o primeiro na guerra, o primeiro na paz, o primeiro no coração dos seus conterrâneos". Obra de<sup>66</sup> sessenta anos mais tarde, essa imponente fábrica<sup>67</sup>, erigida pela sagacidade dos homens de 1787 e pela sabedoria de WASHINGTON, parecia abismar-se num cataclismo indescritível. A escravidão, o grande pecado contra o Evangelho, devorava numa catástrofe incomparável aquela Constituição, admirada por ingleses como o maior artefato político do cérebro humano. Um homem tinha então o leme da nave entre os macaréus. Inteiro, destemido, grande, justo, era o tipo nativo do americano, a personificação de um país, em suas maiores virtudes e seus melhores dotes, numa individualidade extraordinária<sup>68</sup>. E é para a divina justiça e para a divina misericórdia que ele estende as mãos, nesse transe quase extremo de agonia. A sua segunda

---

<sup>66</sup> *Obra de*: cerca de, perto de, mais ou menos.

<sup>67</sup> *fábrica*. – A palavra representa aí, figuradamente, a Constituição americana, sobre a qual vinha RUI falando.

<sup>68</sup> O período retrata o Presidente ABRAHAM LINCOLN.

mensagem inaugural, "documento sem paralelo entre os papéis de Estado", toca<sup>69</sup> o ápice da eloqüência religiosa. "Ambas as partes contendentes", diz ele,

lêem pela mesma Bíblia, e oram ao mesmo Deus, invocando cada qual o seu auxílio contra a outra. Pareceria estranho que ousassem impetrar o socorro de Deus justo homens empenhados em amassar o seu pão com o suor de seus semelhantes. Mas não julgemos, porque<sup>70</sup> não venhamos a ser julgados. Ele não poderia escutar as súplicas de ambos os contendores. Também não tem respondido inteiramente às de nenhum. O Todo-Poderoso não nos descobre os seus desígnios. Ai do mundo pelo escândalo, visto que o escândalo forçosamente sucederá; mas também ai do homem que o der. A supomos que a escravidão seja um desses crimes inevitáveis na Providência de Deus, mas que, tendo cumprido o seu tempo, Ela o queira agora eliminar, dando ao Norte e ao Sul esta guerra tremenda como punição daqueles por quem o escândalo veio, – onde aí o desvio desses atributos divinos, que os crentes no Deus vivo sempre lhe reconheceram? Com ardor almejamos, obtestamos<sup>71</sup> com fervor que de nós se afaste rapidamente calamidade tão horrenda. Se, contudo, aprover a Deus prolongá-la, até que a opulência amontoada por duzentos e cinqüenta anos de labor incessante do escravo se aniquile de todo em todo, e cada gota de sangue vertida pelo azorrague se acabe de pagar com outra gota de sangue derramado pela espada, força é redizermos, como, há três mil anos, se disse: *As sentenças do Senhor são verdadeiras e justas.*

Será essa a linguagem de um ditador, ou a de um pontífice? Poucas semanas depois, em uma Sexta-Feira Santa, por entre os hinos da vitória que acabara de esmagar os escravistas, caía assassinado, como para selar o triunfo com as últimas gotas do sangue da expiação, o imaculado libertador, cujas palavras de humildade haviam oferecido a própria pátria em holocausto à justiça divina. Ao horror solene do atentado sucedeu, não se sabe por que emoção misteriosa, a apaziguação das paixões vingadoras. As ondas volveram abonançadas ao seu leito. O naufrágio do escravismo repusera a civilização americana no álveo da moral cristã. A voragem havia tragado um milhão de vidas. Mas a liberdade salvara quatro milhões de almas. A paz estava feita em nome do Cristo.

---

<sup>69</sup> *toca*: atinge, chega até a.

<sup>70</sup> *porque*: para que. – Conjunção final.

<sup>71</sup> *obtestamos*: rogamos, suplicamos.

Anos depois, morre vítima de outro crime sinistro o Presidente GARFIELD, e a mensagem do seu sucessor<sup>72</sup>, anunciando o infortúnio público, se embebe na unção dos pregadores:

Houve por bem o Senhor, na sua insondável sabedoria, arrebatá-los o presidente dos Estados Unidos. A dor profunda, que transborda de todos os corações, deve-se elevar, de impulso unânime, ao trono da graça infinita. Acurvados sob a mão do Todo-Poderoso, busquemos nela a santificação do nosso luto e a consolação, que, por esta perda, nos for servido conceder.

O ano de 1876<sup>73</sup>, festeja a República, entre demonstrações magníficas, o centenário da independência americana, e o lugar supremo na gratidão nacional é oferecido ao Senhor. O Senado e a Câmara dos Representantes, reunidos em congresso, proclamam

com adoração, em nome do povo inteiro, que Deus tem sido, para ele<sup>74</sup> a fonte e o manancial, o autor e o distribuidor de todos os bens.

Festeja-se em 1887, com solenidades que atraíram a atenção e a concorrência do orbe inteiro, o centenário da Constituição dos Estados Unidos. Abre a grande cerimônia o bispo católico POTTER, de New York, com uma admirável invocação a Deus, que termina pelas singelas expressões do Padre-Nosso. Só após dele<sup>75</sup> fala, presidindo, o Presidente da República<sup>76</sup>, e, ao concluir, aludindo à imagem do Sol, debuxada, um século antes, sobre a cadeira que WASHINGTON ocupava quando os delegados estaduais firmaram a Constituição, assim se enuncia:

Estamos agora no mesmo lugar, onde este sol rompia das trevas políticas, e à resplandecência da sua luz meridiana lhe traçamos hoje o curso glorioso. Seus raios por vezes se toldaram de nuvens. Formidáveis borrascas nos encheram de medo. Mas Deus o conteve na sua órbita, e com o seu calor

---

<sup>72</sup> Presidente BENJAMIN HARRISON.

<sup>73</sup> *O ano de 1876*: No ano de 1876. – Omissão da preposição *em* nos adjuntos adverbiais que denotam o tempo ou ocasião em que alguma coisa ocorre: *este ano, quinta-feira, domingo passado*.

<sup>74</sup> *ele*: o povo.

<sup>75</sup> *após dele*: após ele, imediatamente depois dele. Construção clássica, uma que outra vez agasalhada por escritores contemporâneos.

<sup>76</sup> JAMES ABRAM GARFIELD. Foi assassinado.

vivificante obrou<sup>77</sup> o mais recente dos seus milagres, criando a maravilha desta terra e a maravilha deste povo. Quando volvemos os olhos cem anos atrás, atentamos na origem da nossa Constituição, e a contemplamos, já nas provações, já nos triunfos; quando vemos como os princípios, onde ela estriba, cabalmente remediaram a todas as necessidades nacionais, e obviaram a todos os perigos nacionais, sentimo-nos levados a repetir devotamente com FRANKLIN: "Deus guia os negócios humanos".

Outros oradores se ouviram em seguida. Mas quem encerra a festividade é a religião. O Cardeal GIBBONS pronuncia a oração final, e, por último, um sacerdote despede os fiéis com a bênção *em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

Dois anos mais tarde perfaz um século de inaugurada a presidência dos Estados Unidos na pessoa de WASHINGTON. Seu sucessor, no termo do ciclo secular, é o Presidente HARRISON. E de que modo assinala este essa data inolvidável? Convidando com uma proclamação o povo a se congregar todo em ação de graças ao Senhor:

Reúnam-se, às 9 horas do dia, os cidadãos de todas as religiões, nos edifícios ordinários de seu culto, a fim de rogar a Deus favoreça o povo com as dádivas da liberdade, prosperidade e paz, guiando-o pelo caminho da justiça e do bem.

É um dos exemplos desse mavioso costume nacional, que nasceu com a nacionalidade americana. Em 1789, a solicitações formais do Congresso, WASHINGTON proclama ao povo, exortando-o a se unir unânime em um profundo sentimento de gratidão para com "o glorioso Autor de todo o bem que houve e haverá". Aprazava o Presidente o dia votado às ações de graças gerais

em honra do Soberano e Árbitro das nações, para lhe agradecer humildemente as infinitas misericórdias e as mercês insignes, de que se comprouvera em cumular o povo americano.

E até hoje o Dia de Ação de Graças é a grande festa anual da nação, naquele país. Assim é que os americanos comemoram, ano a ano, o desembarque dos primeiros peregrinos, dos primitivos fundadores da sua

---

<sup>77</sup> obrou: realizou.

nacionalidade, nas costas do Maryland<sup>78</sup>, reconhecendo a Deus, nas palavras da proclamação de HARRISON em 1891,

os benefícios de sua Providência, a tranqüilidade em que ela lhes tem dado saboreá-los, a conservação das liberdades civis e religiosas, que a sabedoria dela induziu os seus maiores a estabelecer, e tem auxiliado os seus descendentes com a força de preservar.

Assumindo, em 1893, a presidência dos Estados Unidos, CLEVELAND jura, osculando a Bíblia. Sua mãe lhe dera, quarenta anos antes, um exemplar do livro sagrado. Levam-lho ao Capitólio, e sobre esse é que o novo Presidente, na grande solenidade oficial, repete o juramento de seus antecessores. Tais os auspícios sob que se pronuncia o seu discurso inaugural, onde sobressai a invocação a Deus:

Quando considero quanto me excede as forças a tarefa, que ora se me impõe... o que me preserva de esmorecer, é, sobretudo, a certeza de que existe um Ente Supremo, que dirige as cousas humanas, e, assim com a sua bondade, como com a sua misericórdia, sempre acompanhou o povo americano. Fio<sup>79</sup> que ele agora se não arredará de nós, se-lhe buscarmos, humildes e reverentes, o auxílio poderoso.

É desta maneira que se empossam, nos Estados Unidos, os presidentes da República.

Veda a Constituição, de todo, ali, como aqui, aos poderes federais qualquer aliança entre a Igreja e o Estado: circunvala entre este e aquela a separação mais completa. Mas os atos mais solenes do governo invocam o nome de Deus. Os generais em serviço de guerra imploram, diante das tropas, "a bondade tutelar dessa Providência que encaminha indivíduos e nações". À voz do Presidente se reúne todos os anos, em dia certo, a nação inteira, a render graças ao Eterno. As sessões do Congresso, nas suas duas câmaras, se abrem e encerram diariamente com as preces de um sacerdote. O Senado tem o seu capelão; tem o seu a Câmara dos Representantes, um e outro eleitos por essas duas assembléias. Têm-nos, ainda, nomeados pelo Presidente, as prisões, os

---

<sup>78</sup> *do Maryland*. – Subentenda-se a palavra "Estado": "nas costas do [Estado de] Maryland". Caso de sintaxe ideológica.

<sup>79</sup> *Fio*: confio, espero.

hospícios de alienados, as escolas militares, o Exército e a Marinha, até vinte e quatro para esta, e para aquele trinta e quatro. A propriedade eclesiástica não se tributa, no Distrito de Colúmbia, nem nos Estados. O juramento, nas instituições federais, como nas estaduais, se defere sobre a Escritura Sagrada aos que não a rejeitam. As leis da União, como as dos Estados, consagram o descanso dominical. Numa das suas ordens-do-dia, LINCOLN, como general-em-chefe<sup>80</sup> do Exército e da Armada, no meio da terrível guerra civil em que periclitou a existência da União, impunha rigorosamente às suas forças a obediência a esse preceito. "O general espera e confia", dizia ele,

que cada oficial e cada praça buscarão viver como convém a soldados cristãos, afanados em lutar pelos mais caros direitos de sua terra.

Nas escolas neutras, enfim, o horário profano abre espaço ao ensino religioso, distribuído pelos ministros dos vários cultos nos próprios recintos escolares.

Ali não se divisa nesses fatos o mínimo agravo à secularidade legal das instituições. O que lá se não toleraria, nem a nossa Constituição tolera, é estabelecer distinções legais entre confissões religiosas, sustentar a instrução ou o culto religioso à custa de impostos, obrigar à freqüência dos templos ou à assiduidade nos deveres da fé, criar embaraços de qualquer natureza ao exercício da religião, contrariar de algum modo a liberdade de consciência, a expressão das crenças, ou a manifestação da incredulidade, nos limites do respeito às crenças e à liberdade alheias. Mas "nenhum princípio de direito constitucional se quebranta", diz um grande jurisconsulto americano, o juiz COOLEY,

quando se fixam dias de ação de graças e jejum, quando se nomeiam capelães para o Exército e a Marinha, quando se abrem as sessões legislativas, orando, ou lendo a Bíblia, quando se anima o ensino religioso, favorecendo com a imunidade tributária as casas consagradas ao culto.

Vede se anda fora da lógica o bom senso americano. O Estado exige de todos os cidadãos o imposto de sangue. Ninguém lho pode recusar, a título de

---

<sup>80</sup> *general-em-chefe*: comandante supremo de forças armadas, em guerra. – Tal expressão tem sido tachada, sem razão plausível, de galicismo.

que o seu credo o aborreça<sup>81</sup>. Ao reclamo desse dever se alistam<sup>82</sup> os exércitos e tripulam as esquadras. Mas esses lidadores, que se aprestam a morrer, nos campos de batalha, ou nas vagas do oceano, pela segurança, pela integridade, pela honra nacional, não abjuraram, vestindo as armas, a consciência religiosa. Levam consigo a sua fé, o seu Deus, as suas esperanças na imortalidade, o culto de seus pais. Este<sup>83</sup> lhes lembra todos os domingos o sacrifício cristão, lhes fala, nas tribulações, do conforto espiritual, lhes evoca, em presença da morte, os compromissos eternos de sua alma. Quem lhes há de ministrar, nos quartéis, nas escolas militares, nos vasos de guerra, os ofícios divinos? Quem, no leito do hospital, ou entre o fogo dos combates, lhes dará os socorros do céu? Quem? se<sup>84</sup> a lei fechar os estabelecimentos militares aos ministros do Evangelho? se as forças, que marcham para a guerra, não se acompanharem de ministros da religião? se a rigidez das obrigações militares não conhecer os mandamentos supremos da vida cristã? Há de o soldado fiel pagar, do soldo, ou da etapa, os seus capelães? Pode o soldado moribundo, na tenda, ou no campo, mandar por eles<sup>85</sup> ao povoado? De onde acudirá o valimento apostolar ao marinheiro, que expira na solidão dos mares, ao conscrito que agoniza nas refregas de uma campanha entre as armas da pátria e as do inimigo? Se o marinheiro e o soldado têm direito à medicina do corpo, e ao Estado incumbe o dever de lha suprir, como não terá direito o soldado, o marinheiro à cura da alma, e ao Governo poderá ficar o arbítrio de não lha dar? A que título o civismo, vestindo-me a blusa, ou a farda, me seqüestra às relações religiosas, e, sobre<sup>86</sup> me exigir o sacrifício da vida, me impõe a morte do ateu<sup>87</sup>?

---

<sup>81</sup> *aborreça*: desaceite, condene (o "imposto de sangue"). – O orador está-se referindo aos cidadãos que se recusam a participar de guerra, por motivo de convicção religiosa.

<sup>82</sup> *alistam*: recrutam.

<sup>83</sup> *Este*: o culto.

<sup>84</sup> *Quem? se a lei...? se as forças...? se a rigidez...?* – O uso de minúsculas em seguida a ponto de interrogação (Quem? se a lei...? se as forças...? se a rigidez...?) decorre, aí, de serem subordinadas as orações introduzidas por "se".

<sup>85</sup> *mandar por eles*: mandar.buscá-los. – Construção antiga (hoje de todo abandonada) de "*mandar* + posvérbio *por*", com a significação de "mandar pedir, mandar buscar (algo ou alguém)".

<sup>86</sup> *sobre me exigir*: além de me exigir.

<sup>87</sup> *A que título... morte do ateu?* – Este período documenta belíssimo exemplo de sintaxe afetiva. Com o emprego do pronome de primeira pessoa (*me*), o orador se identifica e confunde com os

Assim, banir do quadro militar, em nome da liberdade, o elemento religioso, é estabelecer, debaixo desse nome, a mais odiosa das servidões, e pagar com a ingratidão suprema os serviços do marinheiro e do soldado. Os americanos abominariam essa falsa igualdade; porque<sup>88</sup> homens realmente livres não se pagam de<sup>89</sup> fórmulas mentidas, e acima de tudo execram a opressão, que<sup>90</sup> se abrigue sob hipocrisias de especioso liberalismo. Não quiseram, pois, animalizar o homem de guerra. Viram, claramente viram, que a multidão armada, sem o freio do respeito cristão, é como as feras domadas, que acabam fatalmente por devorar os domadores.

Estudem o desenvolvimento da criminalidade militar entre nós, e não de verificar, tenho por certo, que a delinqüência adquiriu, nessa esfera, expansão notável e crescente, desde que se varreu dos quartéis a influência civilizadora do culto. Os nossos exércitos de mar e terra constituem, hoje, a este respeito, pela mais errada inteligência das nossas liberdades constitucionais, uma exceção absurda entre os povos civilizados. Das coisas sérias, em nossa terra, por via de regra, não se cogita. Mas o soldado brasileiro há de sentir um dia que o estão desnaturando, e tomará nas próprias mãos, pacífica, mas resolutamente, a causa da sua reconciliação religiosa. Ou então, ai de nós! Quando o ateísmo de fuzil e baioneta se inflamar nas explosões da crueldade.

Nos Estados Unidos não se conhece esse risco; porque o seu senso político, incapaz de tais eclipses, sempre lhes mostrou que a disciplina da terra não se mantém sem a disciplina do céu, e o seu senso liberal os convenceu de que brutalizar o uniforme no abandono da religião era conferir à incredulidade os privilégios recusados ao culto.

Aí está porque<sup>91</sup> o constitucionalismo americano repele essa uniformidade atéia, cuja superstição professa a República no Brasil, e que não estava decerto nos intuítos dos seus fundadores. Desde 1876 que eu escrevia e pregava contra o

---

marinheiros e os soldados, solidarizando-se deste modo com eles, como se um e outros estivessem a viver a mesma situação.

<sup>88</sup> *porque*. – V. nota 30.

<sup>89</sup> *não se pagam de*: não se satisfazem com, não se contentam com.

<sup>90</sup> *que*: ainda que. – Conjunção concessiva.

<sup>91</sup> *porque*. – Num só vocábulo, de acordo com longa tradição no Idioma. Trata-se de advérbio relativo que condensa em si o antecedente.

consórcio da Igreja com o Estado; mas nunca o fiz em nome da irreligião: sempre, em nome da liberdade. Ora, liberdade e religião são sócias, não inimigas. Não há religião sem liberdade. Não há liberdade sem religião. "O despotismo é que passará sem a fé: a liberdade não passa", dizia TOCQUEVILLE, edificado pelo espetáculo dos Estados Unidos. "A religião", insistia,

é muito mais necessária nas repúblicas do que nas monarquias, e muito mais ainda nas repúblicas democráticas do que em todas as demais. Como não houvera de perecer a sociedade, se, afroixando<sup>92</sup> o laço político, não estreitasse o vínculo moral? E que será de um povo, senhor de si mesmo, se não for submisso a Deus?

É a mesma impressão que o abalava, a esse grande pensador político, ao estudar *O Antigo Regímen*<sup>93</sup> e a *Revolução*:

O povo, se quiser ser livre, há de ter convicções religiosas. Em não tendo fé, servirá<sup>94</sup>.

Essas as idéias que nos propeliam, há dezoito anos, quando vimos o padroado imperial encarcerar os bispos. Assim como não admitíamos o Estado cativo à Igreja, não podíamos admitir a Igreja cativa ao Estado.

Foi sob esse pensamento que adotamos a Constituição de 1891. Tínhamos, então, os olhos fitos nos Estados Unidos; e o que os Estados Unidos nos mostravam, era a liberdade religiosa, não a liberdade materialista. Naquele país a incredulidade possui também o seu grupo, que advoga a tributação dos cultos, a supressão dos capelães, a abolição de todos os serviços religiosos custeados pelo Tesouro<sup>95</sup>, a extinção do juramento, a substituição, nas leis, da moral cristã pela moral natural. Mas esse programa, formulado ali há trinta anos, definha enquistado na seita que o concebeu. "Nós somos um povo cristão", diz o juiz KENT, um dos patriarcas da jurisprudência americana, "e a nossa moralidade política está profundamente enxertada no cristianismo".

---

<sup>92</sup> afroixando. – V. nota 9.

<sup>93</sup> *Regímen*. – V. nota 21.

<sup>94</sup> *servirá*: será escravo.

<sup>95</sup> *Tesouro*. – V. nota 9.

Esse fato precedeu à Constituição, ali e aqui. Aqui, como ali, esse fato subsiste sob a Constituição. Ela o não podia destruir, porque, lá e cá, era, nas duas nações, a grande realidade espiritual. Na república norte-americana, a superfície moral do país estava mais ou menos igualmente dividida entre uma variedade notável de confissões religiosas. No Brasil, o catolicismo era a religião geral; o protestantismo, o deísmo, o positivismo, o ateísmo, exceções circunscritas. De modo que, enquanto nos Estados Unidos a igualdade religiosa constituía uma necessidade sentida, mais ou menos, no mesmo grau, por todas as comunhões, entre nós ela representava tão-somente aspirações da minoria. A liberdade de cultos veio satisfazer, em boa justiça, à condição opressiva dessas dissidências maltratadas pela exclusão oficial, mas não invertê-la contra a consciência da maioria. Se, nos Estados Unidos, avultava no maior relevo "o fato de que o cristianismo era, e sempre foi, a religião popular" (são palavras de um magistrado americano), no Brasil esse fato não tinha vulto menos proeminente.

As Constituições não se adotam para tiranizar, mas para escudar a consciência dos povos. "A nossa constituição", diz um escritor americano, que tratou *ex professo*<sup>96</sup> o assunto<sup>97</sup>,

a nossa Constituição não criou a nação, nem a religião nacional. Achou-as preexistentes, e estabeleceu-se com o intuito de *as proteger* sob uma forma republicana de governo.

Ora, a condição de nós outros é idêntica, por este lado, à dos Estados Unidos. Antes da República existia o Brasil; e o Brasil nasceu cristão, cresceu cristão, cristão continua a ser até hoje. Logo, se a República veio organizar o Brasil, e não esmagá-lo, a fórmula da liberdade constitucional, na República, necessariamente há de ser uma fórmula cristã. As instituições de 1891 não se destinaram a matar o espírito religioso, mas a depurá-lo, emancipando a religião do jugo oficial. Como

---

<sup>96</sup> "*ex professo*". – Expressão latina: com a autoridade de quem conhece a fundo (alguma questão).

<sup>97</sup> *tratou... o assunto*. – Regência menos usual do verbo *tratar* com a significação de "discorrer acerca de".

aos americanos, pois, nos assiste a nós<sup>98</sup> o jus de considerar o princípio cristão como elemento essencial e fundamental do direito brasileiro. Nesta verdade se encerram todas as garantias da liberdade e todas as necessidades da fé.

Adotando este regímen<sup>99</sup>, escolhemos surgidoiro<sup>100</sup>, onde nos abrigássemos dos temporais, que, na Europa, com escândalo das almas e ruína dos Estados, convulsam o mundo político e o mundo espiritual. Onde se conceberia, nos Estados Unidos, a enormidade monstruosa de medidas como essas, que entristecem e dividem a grande e agitada França, renovando as antigas proscricções revolucionárias? Quem se atreveria a propor, nos Estados Unidos, que se retirasse às congregações religiosas o direito de ensinar!

Do clero francês, proscrito nos fins do século XVIII pela Revolução, se destacaram os primeiros missionários da fé na América do Norte. "As pedras da Igreja de França em ruínas serviram para edificar a Igreja dos Estados Unidos."

Os jesuítas, expulsos do território francês pelas comoções do Terror, foram constituir na terra de WASHINGTON o núcleo inicial do clero romano. A esses padres, com os franciscanos, cabe a honra de terem sido os primeiros apóstolos da América Septentrional. O mais antigo dos textos que ali consagram a liberdade dos cultos, data de 1649, na legislação católica do Maryland<sup>101</sup>, estabelecido em 1632 por uma colônia de católicos ingleses, sob a direção espiritual de dois jesuítas. Eles haviam entrado nos primitivos lares da nação americana, levando consigo a liberdade, que o protestantismo ainda não conhecia. O primeiro prelado americano foi um filho proscrito de Santo INÁCIO, o Arcebispo CARROLL, que, organizando o catolicismo americano, reservou à sua ordem a educação da mocidade. Abolida então na catolicidade inteira, a Companhia dos descendentes de LOIOLA se reconstituía, em 1806, às margens do Potomac, onde, ainda há poucos anos, inaugurou, perto do Capitólio, o Colégio de Georgetown, irmão norte-americano do Colégio Anchieta. E, enquanto a religião de São FRANCISCO ali conta não menos de 44 mosteiros, a Sociedade de Jesus, que no começo do

---

<sup>98</sup> *nos assiste a nós*. – O termo "a nós" funciona, por amor da ênfase, como aposto pleonástico do objeto indireto "nos". – O verbo "assistir" quer dizer, aí, *competir*, *caber* (direito, ou razão, a alguém).

<sup>99</sup> *regímen*. – V. nota 21.

<sup>100</sup> *surgidoiro*. – V. nota 9.

século XIX tinha, nos Estados Unidos, escassamente quatro ou seis membros, hoje, derramada por todo o país, numera<sup>102</sup> cerca de 1400, quase todos americanos.

De maneira que perto de um décimo da totalidade dessa milícia espiritual, espantinho dos chamados *espíritos fortes* nas monarquias iliberais do outro<sup>103</sup> e nas adúlteras repúblicas deste Continente, se aglomera atualmente no país de GUILHERME PENN e BENJAMIN FRANKLIN. A liberdade americana, bem longe de se assustar, os<sup>104</sup> agasalha. Nem o protestantismo, nem o liberalismo, por lá, se arreceiam do progresso católico, adiantado a passos gigantes. Em 1784 mal registrava ali a Igreja Romana 45000 almas; em 1890 pastoreava nove milhões de fiéis. Em New York, o Estado mais refratário à liberdade religiosa, aquele onde, ainda em 1806, os católicos incorriam em incapacidade política, o sufrágio católico domina, presentemente, os comícios populares, e a caridade católica dispõe de um patrimônio colossal. Em Boston, a velha cidade *quaker*<sup>105</sup>, no coração da antiga intolerância puritana, católica é metade da população, e os padres católicos penetram nos hospitais e nas prisões do Estado. A Igreja Católica, dividida, no território americano, em oito mil paróquias, custeava ali, vai já por catorze anos, cerca de três mil e duzentas escolas. Escritores americanos confessam que

ela exerce uma ação muito mais ampla e poderosa que as outras comunhões, e que com a força por ela desenvolvida só rivaliza a do Governo.

Todas as ordens e congregações instituídas na Europa florescem à maravilha no território da União. Tãmanha é a autoridade do clero, que, chamado, há quinze anos, a inaugurar, ante o Presidente HARRISON, o edifício da exposição de New

<sup>101</sup> *do Maryland*. – V. nota 78.

<sup>102</sup> *numera*: conta, alcança o número de.

<sup>103</sup> *outro* [continente].

<sup>104</sup> *os agasalha*. – Ao escrever este "os", tinha RUI em mente os membros daquela "milícia espiritual" de que ele falara pouco antes. O sentido coletivo de *milícia* favoreceu o emprego do pronome oblíquo no plural. Caso de sintaxe ideológica.

<sup>105</sup> "*quaker*". – Palavra inglesa (de "*to quake*", tremer). Alusão a uma seita religiosa protestante, fundada no século XVII na Inglaterra e difundida principalmente na Escócia e nos Estados Unidos. (O nome se deve ao fato de seu fundador, GEORGE FOX, ao ser julgado por dissidência, haver pedido ao Tribunal que "tremesse" diante de Deus).

York, o arcebispo dessa diocese qualificava de "intolerável a imoralidade dos políticos atuais", estigmatizava as promoções e honras tributadas "aos corruptores do escrutínio", e dizia que WASHINGTON, apesar do seu gênio de estadista e capitão,

não alcançaria, hoje, provavelmente, fazer-se eleger à presidência do Congresso, ou a qualquer outra função dependente da máquina eleitoral.

Cuidais que, tomando essas liberdades em presença do chefe da nação, viesse aquele bispo a curtir censuras e afrontas, como noutros países lhe houvera de suceder? Bem ao contrário, o que lhe coube, foi um sinal imediato de apreço do Presidente HARRISON, que, ao regressar da solenidade, honrou com o chamado a um cargo federal o irmão do severo prelado.

E quereis ver como o mesmo protestantismo encara essa expansão da Igreja Romana? Nas festas comemorativas da independência americana, em S. Francisco, há dezessete anos, um pastor protestante, recordando, na sua prédica, posterior à missa pontifical, que a fundação da Califórnia tinha sido "um cometimento religioso, obra do catolicismo", disse:

Sim, como protestante me empenho em consignar que exulto com o vigor e prosperidade da Igreja Católica. Predizendo que, dentro em<sup>106</sup> cem anos, ela será mais poderosa que nunca, é o meu coração que dita as minhas palavras. Quando nela considero a mãe de toda a civilização moderna e a matriz de todas as instituições livres, humildemente imploro ao Soberano Senhor lhe permita colher, neste país de homens livres, as mais copiosas e opulentas messes.

Assim se desvaneceram as desconfianças recíprocas e os mútuos ressentimentos entre a religião e a liberdade. O espírito católico adquiriu, nessa atmosfera, a transparência, a pureza, a dilatação fina, leve e saudável do ambiente nas grandes altitudes tranqüilas e sobranceiras. A experiência generosa e leal da igualdade religiosa incutiu, a um tempo, nos entusiastas do progresso e nos devotos da tradição, o mais profundo amor da liberdade<sup>107</sup> e o sentimento mais vivo da necessidade de sua aliança com o culto de Deus. De sorte que,

---

<sup>106</sup> *dentro em.* – V. nota 26.

enquanto protestantes rejubilam com a difusão da vida cristã na pujança do catolicismo, como acabais de ouvir, eminências das mais elevadas na Igreja Romana dão aos ímpios, com um desinteresse e uma sublimidade apostolares, lições divinas de respeito à consciência humana. É o que ides ver num caso notável. Tendo-se aberto, há anos, em Baltimore, uma escola dominical anticristã, vários membros do clero protestante instaram com a autoridade local pela supressão dessa cadeira de infidelidade. E quem se havia de interpor, contraditando semelhante medida? A mais alta dignidade católica nos Estados Unidos, o Cardeal GIBBONS, cuja eloqüente defesa do direito na pessoa dos hereges merece perpetuada<sup>108</sup> em letras indeléveis. "Sem examinar", escreveu ele,

que direito assiste às autoridades civis de se ingerirem no assunto, não me parece que a esta disposição anti-religiosa haja remédio nos meios repressivos. A coação não converte o homem: voluntariamente é que ele há de render a cidadela de sua alma. Outra coisa não faz a coerção que recolher o veneno ao interior do corpo social, onde vai fermentar em secreto. Nosso Divino Salvador nunca invocou a espada em socorro de sua doutrina.

Dirão, talvez, que fácil é louvar os atenienses em Atenas, e ser, na América, americano. Mas este não era o caso desse príncipe da Igreja; porque, chamado à Santa Sé, para receber o capelo, o Cardeal GIBBONS proferiu, em Roma, do alto do púlpito, a mais grandiosa apologia da Constituição americana, magnificando triunfalmente as vantagens colhidas pelo catolicismo, naquela República, da liberdade dos cultos e da separação entre a Igreja e o Estado. Não diferia então a sua linguagem, ante o Sumo Pontífice, da que o célebre prelado americano falou em Filadélfia na comemoração do centenário constitucional:

A Constituição dos Estados Unidos merece insculpida<sup>109</sup> em caracteres de oiro<sup>110</sup>. Essa carta assegura a liberdade a sessenta milhões de homens, e perpetuará, no porvir, sob a mão da Providência, a felicidade temporal de inumeráveis milhões de criaturas.

---

<sup>107</sup> *amor da liberdade*. – V. nota 10.

<sup>108</sup> *merece perpetuada*: merece ser perpetuada. – Elipse do auxiliar "ser", praticada abundantemente pelos clássicos e alguma vez por escritores de nosso tempo.

<sup>109</sup> *merece insculpida*. – V. nota 108.

<sup>110</sup> *oiro*. – V. nota 9.

Faz catorze anos que se solenizava em Baltimore o centenário da inauguração do episcopado católico na Federação norte-americana. Nunca o progresso e a liberdade escutaram ovações mais festivas, hinos mais jubilosos. Nunca o Supremo Benfeitor do gênero humano se viu mais ardentemente louvado no contentamento das suas criaturas. "Amemos", dizia, entre essas galas do culto, no ofício da tarde, o Arcebispo de S. Paulo<sup>111</sup>,

amemos o nosso século e aparelhemos o que se avizinha. Amemos ao nosso século<sup>112</sup> como a quadra assinada por Deus ao nosso labor. Saibamos-lhe discernir as tendências através das agitações. Aspira ele à luz, à liberdade, à fraternidade entre os homens. Quando, caminho do seu objeto, aconteceu que se desgarrasse, a Igreja lhe condenou os transvios. Mas à Igreja incumbe também dar-lhe a mão, porque<sup>113</sup> ele venha a preencher o seu destino. Acorra ela ao encontro do povo, ensine ao capital os seus deveres para com o trabalho. Proporcione satisfação legítima aos sentimentos populares. Por fazer lhe resta maior jornada que a já feita: mais almas ainda lhe estão por colher do que as já colhidas. Ainda não se acha com ela a maioria. Coube ao século dezenove a tarefa de implantar a Igreja Católica nos Estados Unidos; o vigésimo século terá em sorte<sup>114</sup> fazer católico o povo dos Estados Unidos. Avante a Igreja. Avante católicos. *Go ahead*<sup>115</sup>.

Esses acentos preludiaram a<sup>116</sup> uma imensa assembléia leiga, cujas sessões expuseram a flor da catolicidade americana, reunida por aquele sopro que transpõe montanhas, das raias do Canadá às do México, das praias de um às de outro oceano. E, quando aquele congresso acabou, deixando nos ânimos a impressão da sua inaudita majestade, um órgão protestante, da mais alta consideração naquela terra, o *New York Herald*, não se teve<sup>117</sup> que não exclamasse, assombrado:

---

<sup>111</sup> *S. Paulo*: forma vernácula de "Saint Paul", cidade dos E.U.A. Seu Arcebispo, JOHN IRELAND (1838-1918), irlandês de nascimento mas teólogo de formação norte-americana, preconizou a conciliação das doutrinas da Igreja com as tendências liberais do século.

<sup>112</sup> *Amemos ao nosso século*. – Objeto direto regido (facultativamente) de preposição. Na linha anterior, escrevera RUI: "amemos o nosso século". Ambas as construções têm o mesmo quilate vernáculo.

<sup>113</sup> *porque*: para que. – V. nota 70.

<sup>114</sup> *terá em sorte*: terá por destino, por fadário.

<sup>115</sup> *"Go ahead"*. – Expressão coloquial da língua inglesa: Vá em frente.

<sup>116</sup> *preludiaram a uma imensa assembléia*. – Regência incomum do verbo "preludiar", habitualmente construído sem preposição.

<sup>117</sup> *não se teve*: não se conteve, não se refreou.

Se os deputados ao congresso de Baltimore constituem a representação exata da sua comunhão, se este escol deixa após si um povo, que se lhe assemelhe, sentido! católico será em meio século todo este país.

Não me atreverei a dizer que esse prognóstico otimista não exagere, bem que<sup>118</sup> assaz para notar seja o espontâneo acordo entre o zelo da apreciação católica e o espanto do testemunho protestante. Certo é, porém, que não podia ter mais estrondoso desmentido a noção vulgar de que o catolicismo é um culto decadente e uma religião esterilizadora.

O protestantismo não contará, talvez, em parte nenhuma, um clero capaz de competir com o clero protestante nos Estados Unidos. O hino triunfal de WEBSTER, no seu famoso discurso do processo Girard, ao sacerdócio americano, ainda não desmereceu em atualidade. Ele continua a culminar ali acima das letras, acima da política, acima da magistratura, como a grande cadeia moral, cujas sumidades reverberam à terra a claridade do céu. E é com essas alturas que se apostou<sup>119</sup> o clero católico, é com elas que se mede, alargando todo o dia<sup>120</sup> a sua base, elevando todo o dia os seus topos, como se a incandescência de um grande trabalho interior, no seio obscuro das almas, se aparelhasse a transformar ali a superfície do mundo espiritual.

Ei-lo, eis aí o ideal no seu resplendor meridiano. Graças a ele, não se converte em putrefação destruidora a seiva desse industrialismo, que fermenta em produtos venenosos e espúrios na sociedade americana, como o húmus, fundamente saturado em detritos orgânicos, do Nilo ou do Amazonas. Vós, meus caros amiguinhos, a quem tocará, espero, formar o porvir brasileiro, quando eu já durma, sob as preces de meus filhos, no túmulo de meus pais, à sombra da sua religião, não deis as costas ao Norte. Lá está o salvamento. Essas instituições todas, que pretendemos trasladar a esta terra, são a letra morta, à espera da vida, o envoltório material à espera da alma, a máquina à espera do homem. O homem é o espírito fecundado na íntima fusão da liberdade com a fé. O contágio francês há de sitiar-nos, para nos envolver no seu torvelinho funesto. Lembrai-vos então de mim, se eu ainda for lembrado, e resisti. Porque eu contribuí para esta

---

<sup>118</sup> *bem que*: se bem que. – Conjunção concessiva.

<sup>119</sup> *se apostou*: porfiou, empenhou-se em rivalizar.

Constituição mais do que esses. Quando vos falarem nas restrições, nas supressões, nas proscricções, atentai devagar nessa França, que em espasmos periódicos as abraça, e nunca experimentou a tranqüilidade; nesses Estados Unidos, que nunca as conheceram, e prosperam numa grandeza cuja enormidade parece abrir exceção às leis naturais, e, por derradeiro, em nós mesmos, no nosso próprio passado.

Duas vezes, quando menos, entre nós, o braço secular<sup>121</sup> provou forças contra as crenças da nação: uma nos tempos coloniais, outra nos tempos imperiais. Da última, a coroa brasileira sentou o episcopado brasileiro no banco dos réus, sem outro fruto que a mortificação das almas, e, afinal, a capitulação do regalismo. Da primeira, foi o golpe do Marquês de POMBAL. E onde pararam os seus efeitos no Brasil? Diga a eloqüência poderosa de EDUARDO PRADO, na sua bela conferência acerca da Companhia de Jesus e a colonização brasileira:

Com a expulsão dos jesuítas, no século passado, a civilização recuou centenas de léguas dos centros do Continente africano e do Brasil. As prósperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruínas; os índios volveram à vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram-se, e, até hoje, reinam a solidão e o deserto, onde havia já a sociabilidade humana. Em nossos dias as bandeiras de Inglaterra, da Alemanha, da Bélgica, ou da França tremulam, em África, sobre as ruínas de edificações religiosas, num solo que seria português, se não tivessem sido largadas ao abandono e votadas ao esquecimento aquelas terras, onde, pelos missionários, dominava Portugal.

Não há um só desses excessos da intolerância, que não afligisse, empobrecesse e barbarizasse, que não enxovalhasse, desnaturasse e arruinasse as nações, a quem a razão de Estado os haja imposto, sob os despotismos antigos ou modernos. Que diferença existirá, moralmente e socialmente, entre o despotismo de um monarca lusitano<sup>122</sup> proscrevendo os judeus e o despotismo de um ministro português<sup>123</sup> banindo os jesuítas? Que diferença entre o absolutismo da coroa de França perseguindo os huguenotes e o absolutismo da República

---

<sup>120</sup> *todo o dia*. – Aí, o mesmo que "todo dia". – V. nota 18.

<sup>121</sup> *secular* – Relativo ao poder do Estado, à vida leiga. (Opõe-se a *religioso, eclesiástico, monaca*).

<sup>122</sup> *monarca lusitano*: D. MANUEL I (1469-1521), o rei da época dos Descobrimentos.

<sup>123</sup> *ministro português*: SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO (1699-1782), Marquês de POMBAL.

Francesa expelindo as congregações religiosas? O pretexto é sempre o dever religioso, o dever político, ou o dever liberal. O resultado, o aniquilamento da liberdade, a entronização da força, o martírio da consciência cristã.

Felizmente, nos achamos pelo nosso direito fora da região desses ciclones. Mas bem frágil barreira são as Constituições, quando os povos não firmam debaixo delas o seu teto.

O povo brasileiro está, por ora, ausente da nossa<sup>124</sup>. Ainda não assentou ali morada. Se conseguirmos que o faça, há de ser por obra das gerações novas, cujos representantes sois. Mas essas mais não farão que acelerar o curso da nossa decadência, descer apressadamente o íngreme declive, se não<sup>125</sup> se retemperarem nas fontes perenes do verbo cristão. Todos os mandamentos se encerram naquele que subordina o amor dos homens ao amor de Deus.

Ora, o amor de Deus<sup>126</sup> impõe às nações o dever de não corarem da sua fé, e nela se reconstituírem; que outro meio não há de se reabilitarem nos costumes e se consolidarem na liberdade.

Não é a soberania do povo o<sup>127</sup> que salva as repúblicas. Não são as urnas eleitorais que melhoram os governos. Não é a liberdade política o<sup>128</sup> que engrandece as nações. A soberania do povo constitui apenas uma força, a grande força moderna, entre as nações embebidas na justa aspiração de se regerem a si mesmas. Mas essa força popular há mister dirigida<sup>129</sup> por uma alta moralidade social. As eleições mudam os governos, mas não os reformam. As liberdades políticas não têm por objeto satisfazer a vaidade dos cidadãos, entregando-lhes em frações dispersas o cetro do poder. O verdadeiro destino dessas liberdades está em revestirem e abroquelarem as liberdades civis, isto é, os direitos da consciência, da família e da propriedade. Essas três categorias de direitos ancoram na palavra divina, a saber, na divina constituição do homem. Mas só os

---

<sup>124</sup> *nossa* [Constituição].

<sup>125</sup> *se não*: caso não. – Em dois vocábulos, uma vez que aí se dá o encontro casual da conjunção *se* e a partícula negativa *não*, subordinada ao verbo "retemperar-se". (Cf. *senão* nas notas 49, 132, 133 e 137).

<sup>126</sup> *o amor de Deus*. – V. nota 10.

<sup>127</sup> *o que salva as repúblicas*. – V. nota 48.

<sup>128</sup> *o que engrandece as nações*. – V. nota 48.

<sup>129</sup> *há mister dirigida*: há mister ser dirigida. – V. nota 108.

povos religiosos os têm definido e praticado seriamente, ao menos no que respeita à consciência e à família. Só entre eles o santuário é inviolável. Só entre eles a mulher não pára<sup>130</sup> em débil instrumento do outro sexo. Só entre eles a liberdade de testar consagra a autoridade paterna, depura o amor filial e oferece ao trabalho estímulos incomparáveis. Só entre eles<sup>131</sup>, pelo direito de reunião e pelo direito de associação, consubstanciados na vida cotidiana, se pratica em escala realmente benfazeja a grande caridade, e as classes possuidoras se misturam, pela beneficência mais profusa, às classes laboriosas. Eis os elementos fundamentais do Estado cristão. A Inglaterra e os Estados Unidos são os seus dois grandes tipos e os seus dois soberbos resultados.

As formas políticas são vãs, sem o homem que as anima. É o vigor individual que faz as nações robustas. Mas o indivíduo não pode ter essa fibra, esse equilíbrio, essa energia, que compõem os fortes, senão<sup>132</sup> pela consciência do seu destino moral, associada ao respeito desse destino nos seus semelhantes. Ora, eu não conheço nada capaz de produzir na criatura humana em geral esse estado interior, senão<sup>133</sup> o influxo religioso. Nem o ateísmo reflexivo dos filósofos, nem o inconsciente ateísmo dos indiferentes são compatíveis com as qualidades de ação, resistência e disciplina essenciais aos povos livres. Os descrentes, em geral, são fracos e pessimistas, resignados ou rebeldes, agitados ou agitadores. Mas ainda não basta crer: é preciso crer definida e ativamente em Deus, isto é, confessá-lo com firmeza, e praticá-lo com perseverança.

Vão-se-vos abrir as portas das Faculdades, e por elas ides entrar a um plano mais conspícuo do mundo. Até hoje vos desenvolveu, no retiro destas paredes, o desvelo contínuo dos vossos educadores. Agora começa para vós a notoriedade, o tablado, a praça. Aí vos espera a ciência convencional de ignorantes e doutos. Aos seus olhos sereis, por algum tempo, objeto de curiosidade. Querirão avaliar até onde calou realmente em vós a penetração do sentimento religioso, pesar a sinceridade dos vossos hábitos cristãos, calcular-

---

<sup>130</sup> *não pára*: não consiste unicamente.

<sup>131</sup> *Só entre eles...* *Só entre eles*, etc. – O trecho exemplifica um dos mais queridos recursos retóricos de RUI: a *anáfora*, ou seja, repetição de termos no início de orações sucessivas.

<sup>132</sup> *senão*. – V. nota 49. (Cf. *se não*, nota 125).

<sup>133</sup> *senão*. – V. nota 49.

lhes a estabilidade contra as reações do meio, que ides habitar. Naturalmente não de acabar conjecturando que a obra delicada e custosa da vossa educação cristã não tardará em se fundir nesse desprezo ambiente dos deveres supremos, que nos caracteriza. Nos cursos superiores, ao subir-lhes de ano em ano os graus sucessivos, raro ouvireis palavras crentes. Muitos sorrirão da vossa ingenuidade escolar. Alguns vos emprazarão para uma breve e cabal mudança ao contacto da realidade gasta e desabusada. Outros, enfim, assaltarão sem reservas a puerilidade inocente das vossas crenças juvenis, bebidas, segundo eles, no regaço de um ensino anacrônico e de uma educação servil.

Desses inimigos, meus caros filhos, é que vos haveis de precatar, envidando essa fortaleza do coração, essa tranqüila superioridade do ânimo, com que as influências terrenas vos não podem valer. Oponde ao desdém e às zombarias o exame calmo da superficialidade dos zombeteiros e ridores. Notai que a sua vantagem consiste quase sempre no hábito de mofar e na facilidade, adquirida comodamente com a preguiça intelectual, de resolverem mediante fórmulas estereotipadas, frases de convenção e ocos rufos de saber, os formidáveis enigmas humanos. Não vos pejeis de arrostar essas investidas. Proclamai contra elas o nome d'Aquele que habita as nossas consciências, as saneia, e as eleva acima da vasa mortal. Não temais o ridículo, que os maiores gênios antigos e os maiores gênios modernos não temeram. Bem poucos são, desses alcantis da inteligência humana, os que se inscrevem com a negação formal da divindade. O antigo ARISTÓTELES a confessava; não ousa negá-lo o moderno: remove-a para esse incognoscível, em que a filosofia contemporânea traduz a sua involuntária homenagem aos direitos da fé.

Num livro cheio de notas pessimistas e sublimes belezas espirituais, o *Diário* de AMIEL<sup>134</sup> dei outro dia com esta página:

Só há uma coisa necessária: possuir a Deus<sup>135</sup>. Todos os sentidos, todas as forças da alma e do espírito, todos os recursos exteriores são outras tantas abertas para a divindade: outras tantas maneiras de sentir e adorar a

---

<sup>134</sup> HENRI FRÉDÉRIC AMIEL (1821-1881), escritor suíço de língua francesa. Sua obra, póstuma, intitula-se *Journal Intime* ("Diário Íntimo"), dramático documento de inquietação psicológica.

<sup>135</sup> *possuir a Deus*. – V. nota 38.

Deus<sup>136</sup>. Saibamo-nos desatar de tudo quanto se pode perder, não nos ligando absolutamente senão<sup>137</sup> ao eterno, ao absoluto, e saboreando o demais como simples usufruto e mero empréstimo. Adorar, compreender, receber, sentir, dar, obrar: eis a tua lei, o teu dever, a tua felicidade, o teu céu. Aconteça o que acontecer, ainda que seja a morte. Põe-te de acordo contigo mesmo, vive em presença de Deus, na comunhão dele, e deixa guiar tua existência pelas forças gerais, contra as quais nada podes. Se te der folga a morte, tanto melhor. Se te levar, melhor ainda. Se te matar a meio, tanto melhor sempre: ela te cerra a carreira da fortuna<sup>138</sup>, por te abrir a do heroísmo, a da resignação, a da grandeza moral. Toda vida<sup>139</sup> tem a sua grandeza, e, como te é impossível sair de Deus, o melhor será nele elegerdes cientemente domicílio.

Não se creia que essa atitude vos indisponha ou enfraqueça para a ciência. Não: antes vos cingirá melhor os rins<sup>140</sup> para os grandes estudos da realidade, iluminando-a do alto com esse clarão sereno, a que a ciência sobressai livre e magnífica na imensidade dos seus triunfos. Seria eu quem negasse as maravilhas da inteligência humana, suas conquistas prodigiosas no campo da observação direta das coisas, as estupendas amplidões do seu horizonte? Seria eu quem desmerecesse nos portentos dessa incomensurável sabedoria e no fabuloso alcance dos seus instrumentos, pelos quais passa a distância dos astros, a órbita, a composição, o peso das estrelas, a temperatura do Sol e a dos espaços interplanetários, a mensuração do curso da luz nos raios estelares? Não saberei eu que ela descobriu no infinitamente pequeno um mundo novo, não menos estranho e poderoso que o do infinitamente grande, e que extraiu da fisiologia das células vivas a teoria da velhice e da morte?

Mas, depois de nos traçar tão admiravelmente nas raias do corpo humano essa dupla missão, preservadora e destruidora, das células vorazes, com uma precisão a cuja certeza não se subtrai nem o mínimo papel dos cromófagos nos fios de cabelo que encanecem, não vai muito além a ciência nas suas promessas.

---

<sup>136</sup> *adorar a Deus*. – V. nota 38.

<sup>137</sup> *senão*. – V. nota 49.

<sup>138</sup> *fortuna*: destino.

<sup>139</sup> *Toda vida*: qualquer vida, todas as vidas. – V. nota 18.

<sup>140</sup> *vos cingirá melhor os rins*: vos preparará melhor, vos fortalecerá o ânimo. – A expressão, pertencente à linguagem bíblica (*Êxodo*, 12.11), prende-se ao episódio da preparação dos israelitas para a cerimônia pascal, realizada à pressa antes de sua saída do cativeiro no Egito, em longa e penosa marcha. "Cingir os rins" veio a significar, metaforicamente, "preparar-se de espírito para enfrentar dificuldades."

Que nos entremostrem elas? A cirurgia futura adoçará ou diminuirá, talvez, as nossas enfermidades, desembaraçando-nos de vísceras inúteis e perigosas. A fisiologia e a higiene combinadas lograrão melhorar, talvez, as condições da velhice. Crescerá, porventura, a longevidade humana. Eis aí. A ciência não entrevê mais, nem se obriga a mais; porque<sup>141</sup> a ciência não impostura. Ora bem. Terá ela, deste modo, satisfeito a consciência humana? Adoecer um pouco menos, viver um pouco mais – será esse o *desideratum*<sup>142</sup>, que absorve as preocupações eternas da nossa espécie? E notai: apontando em nosso organismo elementos, que classifica de imortais, anunciando a imortalidade fisiológica das células reprodutoras, e admitindo a imortalidade material em animais inferiores, não concorrerá ela mesma para alentar em nós o sentimento dessa outra imortalidade, superior e invisível, cujos vestígios se vão encontrando, sempre vivos, por toda a história da humanidade?

Grande é a ciência, bem o creio; é a maior de todas as grandezas; mas abaixo *da outra*: a divina, que lhe há de sobrepassar eternamente. Deixem-me clamar assim, ao menos aqui, neste suave abrigo do espírito, a minha convicção, último fruto que me estende sazonado a árvore da vida: não sei conceber o homem sem Deus, e ainda menos acreditar na possibilidade, atual, ou vindoura<sup>143</sup>, de uma nação civilizada e atéia. Envelhecerei na persuasão do velho PLUTARCO, imaginando menos a custo uma fortaleza sem alicerces que um povo sem Deus. Milhares de anos resvalaram por sobre esta verdade, milhares hão de resvalar, sem que ela desmaie.

Não alcanço *o ponto de vista de Sírius*<sup>144</sup>. Mas no ponto de vista da humana razão, ao menos até onde ela coincide com a minha, Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo, Deus é a incógnita dos grandes problemas insolúveis, Deus é a harmonia entre as

---

<sup>141</sup> *porque*. – V. nota 30.

<sup>142</sup> "*desideratum*". – Palavra latina (já aportuguesada em *desiderato*): aquilo que se deseja, a que se aspira.

<sup>143</sup> *vindoura*. – V. nota 9.

<sup>144</sup> *o ponto de vista de Sírius*: posição de quem pode entender as coisas com superior clarividência. (Sírius é a estrela mais brilhante do firmamento). – RUI contrapõe, em formosa imagem, "o ponto de vista de Sírius" ao "ponto de vista da humana razão", a qual, possuindo embora a intuição de Deus, se mostra impotente para explicar-lhe o eterno mistério.

desarmonias da criação. Incessantemente passam, e hão de passar no vórtice dos tempos, as idéias, os sistemas, as escolas, as filosofias, os governos, as raças, as civilizações; mas a intuição de Deus não cessa, não cessará de esplender, através do eterno mistério, no fundo invisível do pensamento, como o mais remoto dos astros nas profundezas obscuras do éter. A realidade suprema, de onde nos cai perenemente esse raio de luz, é inextinguível. Mas de tão longe nos vem ele na imensidade do existir, que, ainda quando momentaneamente lhe pudéssemos supor apagado o foco remotíssimo, primeiro pereceria a humanidade que deixasse de ver aceso na estrema do horizonte esse ponto luminoso.

Deus, que fizeste estas montanhas, o globo que as agüenta, esses mundos que nos cercam, esses céus que nos envolvem; que esparzis as estrelas do firmamento e as flores da terra; que resplandeceis na santidade dos justos, e tropejais na consciência dos maus; que semeais na inocência das crianças, e colheis na experiência dos velhos, derramai a vossa misericórdia sobre esta casa, sobre aqueles que a povoam no trabalho, sobre este enxame de esperanças, que aqui continuamente se renovam, sobre essa vergôntea pequenina de minha alma<sup>145</sup>, que aqui fica entregue aos vossos apóstolos, mas ainda mais sobre os que hoje os deixam, galardoados com os primeiros graus do saber, para se afrontar com outras lidas. Vós, que tendes nas mãos a força, a vida e a bondade, medrai-os na bondade, na vida e na força<sup>146</sup>. Incuti-lhes nos corações as virtudes que formam o homem e as virtudes que criam os povos. Retende-os na fidelidade à vossa crença e aos vossos mandamentos, à inspirada palavra de seus mestres e aos bons exemplos de seus pais. Ponde-lhes n'alma, com o amor da justiça e da liberdade, o sentimento da tradição e do respeito, o instinto da disciplina e da ordem. Misturai-lhes com a ternura pelos filhos a memória dos antepassados, esse gênero de gratidão, imarcescível no seio das nações robustas. Dai-lhes, no perigo das lutas e na amargura dos sofrimentos, o heroísmo da coragem, o heroísmo da resignação, o heroísmo da humildade, o heroísmo do reconhecimento aos vossos benefícios entre as calamidades que os escurecem

---

<sup>145</sup> *essa vergôntea pequenina de minha alma.* – Refere-se o orador ao seu filho JOÃO, aluno, à época, do Colégio Anchieta. (V. foto no ante-rostro desta edição).

<sup>146</sup> Este período encerra uma das características mais salientes do ritmo oratório da prosa de RUI: a disposição simétrica de séries melódicas, com inversão da ordem dos termos que as compõem.

aos olhos da fraqueza humana. Ungi-os no espírito de verdade, para amarem o estudo, no espírito de regeneração, para detestarem o abuso, no espírito de obediência, para guardarem a lei, no espírito de solidariedade, pra se associarem pelo bem, no espírito de resistência, para contrastarem a opressão. Ouvi-nos, Senhor, na vossa infinita generosidade, cujos tesouros<sup>147</sup> não diminuem, por mais que se despendam em maravilhas com a criação, em liberalidades com as criaturas. Para que estas se venham a multiplicar em descendentes, que os sigam no vosso caminho, e mais uma geração e outras e outras passem, contemplando, abençoando e servindo o Criador benfazejo de todas as coisas.

---

<sup>147</sup> *tesouros*. – V. nota 9.